

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADES DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA

JOSIANE APARECIDA DA SILVA XAVIER DE MOURA

A PRODUÇÃO DA FRONTEIRA: A GEOGRAFIA DAS COMUNIDADES RURAIS
DE TAMARINEIRO I (CORUMBÁ – BRASIL) E EL CARMEN DE LA FRONTERA
(PUERTO QUIJARRO – BOLÍVIA)

Dourados – MS

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADES DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA

JOSIANE APARECIDA DA SILVA XAVIER DE MOURA

**A PRODUÇÃO DA FRONTEIRA: A GEOGRAFIA DAS COMUNIDADES RURAIS
DE TAMARINEIRO I (CORUMBÁ – BRASIL) E EL CARMEN DE LA FRONTERA
(PUERTO QUIJARRO – BOLÍVIA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Cesar Moretti

Dourados – MS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M929p Moura, Josiane Aparecida da Silva Xavier de.
A produção da fronteira : a geografia das comunidades rurais de Tamarineiro I (Corumbá-Brasil) e El Carmen de La Frontera (Puerto Quijarro-Bolívia) . / Josiane Aparecida da Silva Xavier de Moura. – Dourados, MS : UFGD, 2015.
79f.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Cesar Moretti.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Fronteira. 2. Comunidades rurais. 3. Limites. 4. Religiosidade. 5. Relações culturais. I. Título.

CDD – 320.12

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

A PRODUÇÃO DA FRONTEIRA: A GEOGRAFIA DAS COMUNIDADES RURAIS
DE TAMARINEIRO I (CORUMBÁ – BRASIL) E EL CARMEN DE LA FRONTERA
(PUERTO QUIJARRO – BOLÍVIA)

Banca Examinadora

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Edvaldo César Moretti - UFGD

Prof.^a Dr.^a Maria Geralda de Almeida - UFG

Prof. Dr. Jones Dari Goettert - UFGD

Resultado: _____

Dourados-MS, 11 de maio de 2015

“Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?

Pergunta Kublai Khan.

-A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo.

Depois acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe.”

Ítalo Calvino, 1990.

DEDICATÓRIA

À minha avó materna Ascencia e ao Rogério companheiro e esposo, que ensinaram-me o valor “simbólico” do amor à terra, que tudo produz; alimento para o corpo e para a alma.

Às minhas amadas filhas: Thalliane Raíssa e Thallita Raiane, em minha vida dicotomia: da minha fragilidade e força.

Aos meus pais: José Antunes e Santa Lourdes – deles aprendi a superar, e que o bom sempre poderia ser melhorado e a lutar pelos objetivos.

À Paula, Sandra, Jaqueline e Patrícia – irmãs – amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação marca uma importante etapa da minha vida. Escrever uma dissertação é uma experiência enriquecedora e de plena superação. Modifica-se a cada tentativa de buscar respostas às nossas aflições de ‘pesquisador’, parece uma tarefa interminável e enigmática que só se torna realizável graças a muitas pessoas que participam, direta ou indiretamente, mesmo sem saber realmente o que é e para que consiste a construção desta pesquisa.

À Prefeitura Municipal de Corumbá / Secretaria de Educação pela minha cedência.

À CAPES, pela concessão de Bolsa, apoio financeiro.

Ao meu orientador Prof. Dr. Edvaldo Cesar Moretti, pela disponibilidade, colaboração, conhecimentos transmitidos, capacidade de estímulo, além de sua dedicação, competência e especial atenção nas revisões e sugestões, fatores fundamentais para a conclusão deste trabalho e principalmente fez-me refletir que além do trabalho e resultados da dissertação, há vidas humanas, o imprescindível é não perder a humanidade...

Aos membros da banca examinadora de qualificação: Prof. Dr. João Edmilson Fabrini e Prof. Dr. Jones Dari Goettert pela valiosa contribuição para a execução desta pesquisa.

Aos professores do PPGG pela contribuição na formação científica.

Ao grupo GTA pelo companheirismo, dinamismo e reflexões nos temas discutidos.

As secretarias do PPGG que nos acompanharam durante esta caminhada: Rosiane e Valéria pela competência no suporte de nossas necessidades acadêmicas.

Aos parceiros de mestrado: Igor, João, Ailson, Djeovane, Ana Gláucia, Gabriela, Danilo, Ricardo, Junior, pelos momentos divididos, pela força, angústias e alegrias, pela rica troca de conhecimentos e cumplicidade.

Aos amigos: Prof. Dr. Joelson Gonçalves Pereira e esposa Gladslayne Drumond, Prof. Msc. Shirley Matias, pela hospitalidade, por serem meus guardiões enquanto estive em Dourados. Aos pequenos: Paulinho, Pedrinho, Joãozinho e Pedro pela companhia quando a saudade de casa era maior que a minha vontade.

A Prof.^a Dr.^a Áurea Rita Ferreira, Prof. Wanderson Ligiér de Jesus e Prof. Wagner Paes pelas revisões, correções e sugestões apresentadas no percurso deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Sergio Wilton Isquierdo por acreditar e valorizar o meu potencial.

A Sr.^a Assunta e ao Sr^o Nelson Jovió pela simplicidade por terem aberto as portas de riquíssimos conhecimentos dos quais deixei gravados em pautas.

A EMR “Eutrópia Gomes Pedroso” e aos moradores das comunidades rurais pelas entrevistas e vivências sentida do que seja fronteira.

Ao Rogério, parceiro, companheiro nos campos, na pesquisa, na criação das meninas, fonte de força e superação, às minhas meninas: Thalliane e Thallita por acreditarem em meus ideais pela superação da minha ausência e ao *Mi deo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – APROXIMAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE FRONTEIRA: PARA ALÉM DOS <i>LIMITES</i>	16
1.1 - Fronteiras e Limites: aproximações e distanciamentos.	24
CAPÍTULO II – COMUNIDADE RURAL, ESPAÇOS DE LUTA E RESISTÊNCIA NA FRONTEIRA.....	27
2.1 - Comunidade Tamarineiro I (Brasil).....	30
2.2 - Comunidade El Carmen de la Frontera (Bolívia)	42
CAPITULO III - A GEOGRAFIA DO AMANHECER NA FRONTEIRA.....	50
3.1 – Fronteira porosa, cultura imaterial simbólica na fronteira.	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	75
ANEXOS	78
Entrevista representante Associação	78
Entrevista Assentado	79
Entrevista representante Comunidade “El Carmen de la Frontera”	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Posição da Comunidade El Carmen de la Frontera e Assentamento Tamarineiro I na fronteira.....	23
Figura 2: Localização da Comunidade Tamarineiro I, tendo como ponto de referência o posto Aduaneiro Esdras.	30
Figura 3: Detalhamento dos lotes da Comunidade Tamarineiro I, indicando os lotes que fazem contato com a linha de fronteira.	32
Figura 5: Comunidade El Carmén de la Frontera (Bolívia).	52

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Exército Brasileiro – 17º Batalhão de Fronteira – Área de Instrução. De frente para a estrada do Jacadigo.	18
Foto 2: Ir e Vir na fronteira.	20
Foto 3: Procissão Nossa Senhora do Carmo na Estrada do Jacadigo, com as comunidades presentes.	22
Foto 4: Marco fronteiro localizado a frente da Comunidade El Carmen de la Frontera.	25
Foto 5: Afloramento Rochoso na parte norte da Comunidade Tamarineiro I.	33
Foto 6: Diversidade de plantação na roça, comercialização no próprio lote – Comunidade Tamarineiro I.	34
Foto 7: Galpão de Máquina da Comunidade Tamarineiro I.	36
Foto 8: Estrada do Assentamento Tamarineiro I em época de chuva.	37
Foto 9: Criação de Caprinos no Tamarineiro I.	39
Foto 10: Posto de Saúde da Comunidade Tamarineiro I.	40
Foto 11: Visão geral da comunidade El Carmen de la Frontera.	42
Foto 12: Entrevista realizada em setembro, na Comunidade El Carmen de La Frontera.	44
Foto 13: Vista da Comunidade El Carmén de la Frontera.	Erro! Indicador não definido.
Foto 14: Mães e filhos fazendo seus pedidos em uma oração de agradecimento, durante as comemorações da festa na comunidade El Carmen de la Frontera.	47
Foto 15: Acesso às comunidades em estudo, a estrada do Jacadigo entre a Receita Federal do Brasil e a ponte que divide fisicamente a fronteira.	51
Foto 16: Divisão de tarefas: ajuda na limpeza da casa e quintal.	53
Foto 17: Divisão de tarefas: debulhar o milho e alimentar os pequenos animais.	53
Foto 18: Colheita do excedente para a venda.	55
Foto 19: Venda do excedente, a beira da Estrada do Jacadigo, Assentamento Tamarineiro I.	56
Foto 20: Gado em pequenas proporções, em lote no Assentamento Tamarineiro I.	57
Foto 21: Tabela de preços em reais e bolivianos. Fixada em barracas durante as festividades na comunidade El Carmen de la Frontera.	59
Foto 23: Moradores da Comunidade Tamarineiro I, descendentes de bolivianos.	60
Foto 22: Missa campal em espanhol envolvendo brasileiros, bolivianos, representantes das forças armadas. Salão de festas das Comunidades El Carmo de La Frontera em 16/07/2014.	62
Foto 24: Bailão na festa de Nossa Senhora do Carmo (Bolívia).	63
Foto 25: Almoço na festa de Nossa Senhora do Carmo (Bolívia).	64

Foto 26: Festa de Nossa Senhora do Carmo (Bolívia).	65
Foto 27: Procissão envolvendo brasileiros e bolivianos.....	66
Foto 28: Oferecimento do almoço à Nossa Senhora do Carmo.	67
Foto 29: Divisão de Tarefas: preparação do alimento.....	68
Foto 30: Divisão de Tarefas: ornamentação da igreja.	68
Foto 31: Benção e agradecimento do alimento por padre da Bolívia e do Brasil.	70
Foto 32: Espaços simbólicos.	71

RESUMO

A pesquisa realiza-se em área fronteiriça entre as comunidades rurais: Assentamento Tamarineiro I (Brasil) e El Carmén de la Frontera (Bolívia) resultou na presente dissertação oferecendo uma reflexão sobre comunidades rurais de fronteira, como é produzido essa fronteira no espaço ambivalente de separação e união, encontro e desencontro, resultando nas relações sociais, culturais e econômicas; a metodologia aplicada foram: entrevistas, questionários semiabertos, pesquisa bibliográfica, relatos de campo, subsídios necessários para relatar como as comunidades rurais sobrevivem, o que produzem, onde comercializam e os principais problemas enfrentados assim como a forma de superação e como resultado propõe fronteira sendo um novo espaço nos espaços um entre lugar, possibilitando ao leitor se fazer presente na reflexão.

Palavras – chave: fronteira, comunidades rurais, limites, religiosidade, relações culturais.

ABSTRAT

The research takes place in the border area between rural communities : Nesting Tamarineiro I (Brazil) and El Carmen de la Frontera (Bolivia) resulted in this dissertation offering a reflection on rural border communities, such as is produced that border the ambivalent space separation and union, meet and clash , resulting in social , cultural and economic relations ; the methodology applied were: interviews , semi open questionnaire , bibliographic research , field reports , subsidies required to report how rural communities survive , what they produce , where market and the main problems faced as well as how to overcome and as a result proposes border It is a new space in the spaces between one place , allowing the reader to be present in reflection.

Key - words : border, rural communities , boundaries, religious , cultural relations .

INTRODUÇÃO

A dissertação intitulada “A produção da fronteira: a geografia das comunidades rurais de Tamarineiro I (Corumbá – Brasil) e El Carmen de la Frontera (Puerto Quijarro – Bolívia)”. As duas comunidades convivem “lado a lado” na fronteira internacional Brasil / Bolívia, essa situação de fronteira separa e une tais comunidades que, por meio de uma estrada que margeia a fronteira e permeia a comunidade Tamarineiro I “de ponta a ponta” chamada de Estrada do Jacadigo, é a principal estrada que dá acesso à cidade de Corumbá, ali naquele ponto, onde é eixo de “encontro” e “desencontro” constroem-se relações sociais, econômicas e culturais.

O estudo propõe-se a fazer uma reflexão sobre limites e fronteira e sua hibridiz por intermédio de observação, cooperação, diálogo e interação das ações no cotidiano dessas comunidades em estudo.

O redimensionamento¹ territorial faz com que as comunidades interajam entre si, a partir de relações sociais estabelecidas nessa porção do espaço. Relações que se efetivam pelo fluxo contínuo de pessoas pertencentes às comunidades, cujas identidades fortalecidas se sobrepõem aos limites físico-territoriais, através de negociações² socioculturais. As diferenças são constitutivas e intrínsecas na fronteira, e através destas negociações é possível estabelecer convívio.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a produção de fronteira entre Brasil e Bolívia pelas comunidades rurais Tamarineiro I e El Carmen de la Frontera, destacando os objetivos específicos: descrever a natureza das relações da fronteira; identificar as práticas sociais e culturais de integração entre as comunidades; verificar a geografia nas comunidades; compreender as formas de superação dos limites.

Para compreender o objetivo geral do trabalho, fez-se necessário abordar temas referentes como: limite, comunidades rurais, negociações socioculturais, espaço, hibridismo para assegurar uma base metodológica sólida, aportadas por alguns teóricos da área: Antônio Cândido, Nogueira, Martins entre outros.

1 Destaca-se no trabalho a palavra redimensionamento anteriormente terras do grupo Chamma hoje apresenta a característica atual de comunidade rural.

2 Trata-se de uma relação em contínua construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

O trabalho foi estruturado sistematicamente em cinco partes principais, compostas pela presente introdução, três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo trata de buscar o olhar da geografia para a análise de fronteira e refletir sobre os conceitos de comunidade rural e fronteira. Os teóricos que citam sobre fronteira que foram utilizados: Steiman e Machado (2002), Nogueira (2007), Bezerra; Guimarães; Carvalho (2008), Raffestin (2006), Costa (2009), Machado (2012), Grimson (2002).

O segundo capítulo apresenta como temas principais: como as comunidades rurais sobrevivem, o que produzem, onde comercializam, produção no qual são tratados a relação das comunidades na fronteira. Tendo como suporte os seguintes teóricos: Cândido (2003), Rodrigues (1973), Haesbaert (2010), Martins (1997), Muller (1966), Farias (2002) e Pollak (1989).

Por sua vez, o terceiro capítulo busca descrever a vida, a relação com as festas, religiosidade, música, tensões e conflitos no cotidiano das comunidades. Para isso são analisados dados da entrevista e questionário. Neste capítulo, o suporte teórico Nogueira (2007), Raffestin (2004), Saquet (2007), Peñalongo (2001) e Almeida (2011).

Nas considerações finais são empreendidas as últimas análises estabelecendo-se uma recapitulação sintética dos capítulos e dos resultados obtidos

Inicialmente foi realizado o levantamento bibliográfico na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus do Pantanal), na Universidade Federal da Grande Dourados, Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária – EMBRAPA de Corumbá, Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural – AGRAER de Corumbá a fim de sustentar e subsidiar teoricamente os resultados advindos dos trabalhos de campo.

Os trabalhos de campo foram realizados nas comunidades Tamarineiro I e El Carmen de la Frontera e junto aos órgãos públicos que atuam nestas comunidades, tendo como eixo orientador entrevistas semiestruturadas compostas por questões abertas que permitem ao entrevistador certa flexibilidade em relação aos questionamentos.

Algumas questões foram consideradas relevantes para o conhecimento das nuances que permearam este processo, para isto foi feita a transcrição e tradução de entrevistas.

Em campo foi possível verificar um conceito introjetado, uma ideia embutida em cada um de nós, um conceito do qual nos apossamos inconscientemente, tornando-a parte de nós mesmos: é que fronteira transmite uma ideia de limite que divide espaços, pessoas, cultura, língua, que poderá nos levar a considerar o outro um ser indesejado,

ameaça e até mesmo desprezível, ocultando assim a sua complexidade, sua subjetividade que diz respeito à experiência das fronteiras, a linha entre nós e eles.

Podemos ver fronteira como ponto de encontro, zonas de contato, de relação onde às pessoas saem do seu local com ideias, costumes e culturas, mas entram em outro no qual se adaptam se integram e interagem.

Perceber a fronteira como um elo de integração não pressupõe a inexistência de conflitos, tampouco a uniformização de culturas, mas reconhecer nessas diferenças as possibilidades de trocas e crescimento faz da fronteira um lugar especial.

Procurou-se trabalhar na pesquisa o conceito de fronteira a partir dos seus contornos sociais, sempre em movimento, sentida e vivida a partir da realidade daqueles que vivem na fronteira, analisando suas experiências e situações de significados. Ser da fronteira está relacionado ao sentimento de pertencimento do local, identificação e significados diferenciados (NOGUEIRA, 2007).

As identidades sociais são associadas a um grupo que produz um espaço, podendo ser um país, uma cidade, um bairro e até mesmo uma comunidade, inserindo neste mesmo espaço valores, memórias e tradições suporte para analisar uma comunidade rural.

Como descrita por Farias (2002) concebe-se o assentamento como espaço de tradições, reciprocidades e articulação de práticas que ora diferenciam as famílias ora as aproximam formando o “nó que é o próprio conflito se fazendo e desfazendo e se reconstituindo no movimento de negação e afirmação de valores, vontades e necessidades”. As escalas variam do micro ao macro e vice versa, já que a análise desta pesquisa margeia da comunidade rural à fronteira e desta fronteira que sabores e dissabores oferecem quais “nós” ou “laços” apresentam.

Discorrer sobre o tema proposto em uma linguagem científica apareceu durante o trabalho como um desafio enorme. Farias (2002) chama atenção para o “olhar” que estas pessoas das comunidades rurais trazem “nesse novo espaço, o desejo de permanecer na terra se revigora, surgem novos incentivos – a terra floresce, produz frutos, traz alimento, o que apresenta, diante do horizonte das famílias, uma condição melhor para viver”, acrescento dizendo que esta pesquisa proporciona o mesmo sentimento pela ciência geográfica.

CAPÍTULO I – APROXIMAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE FRONTEIRA: PARA ALÉM DOS *LIMITES*...

Fronteiras...
Pessoas, paisagens
se misturam em miscelâneas
feito uma pintura de aquarela.
Contraponto ... ponto.
Lineares.
Campos imensos e emersos em diferenças.
Diferenças de culturas, etnias...
Jeitos e trejeitos.
Cores e Sabores.
Limites e Deslimites
Expressão essa que designo fronteiras,
não há um limite específico.
não há como fixar linhas na cultura,
no meu Eu ,
no Outro,
nas relações sociais, políticas,
no saber, no conhecimento,
nas interrelações.
Linhas imaginárias, expressão propícia,
fruto da imaginação,
voou quando começo a pensar,
mas até meu pensamento tem limites,
dito pelos outros,
cabe a mim deslimitar.
O limite do pensar.
Imagem
que se limita do ponto de vista.
Organiza e se reorganiza
de acordo com os vários
pontos de vistas.
Dualidade,
Sim. Não. Talvez.
Várias facetas,
a verdade nasce morta.
O novo já nasce velho.
Modernidade não existe.
Delimitação de território,
Marcos... cimento...frio.
do ser Eu,
do ser outros.

MOURA (2013) ³

A análise presente que constitui a importância desta pesquisa é a fronteira a partir das comunidades rurais, como são produzidas estas relações, quando e porque, para isto tornou-se necessário considerar as “multi-visões” de fronteira, já que é um tema lato, nos remete a inúmeras definições. Por se apresentar como uma noção polissêmica, pensar fronteira nos remete a várias concepções, definições, compreensões e reflexões. É desafiador centrar-se somente em um único conceito. Diante disto apresentaremos alguns teóricos que ajudarão a entender ou nortear o pensamento geográfico sobre Fronteira.

De acordo com Steiman e Machado (2002, p. 4), é no período entre os séculos XIII e XIV que surge a palavra fronteira na maioria das línguas europeias. Já para

³ Esta poesia faz parte do trabalho apresentado na Disciplina: Fronteiras, Território e Migração, configurando o espaço de múltiplas fronteiras de sujeitos e espaços.

Nogueira (2007), o conceito de fronteira remete ao latim “front”, *in front*, às margens. A palavra fronteira não foi originalmente aplicada a uma linha e sim, a uma área.

Embora a noção de fronteira tenha existido em diferentes momentos históricos seus significados variam no tempo e no espaço, visível na obra de Soares (1973, p.14) onde diz que “(...) A fronteira tem seu dinamismo. A fronteira avança ou recua; a fronteira pode ser um limite natural, como pode ser um limite artificial.” Descreve o Tratado de Madri (1750), este foi uma lição admirável de aproveitamento dos grandes acidentes físicos – rios, serranias, cristas de montanhas – como limites inquestionáveis e definidos, argumenta que com a fundação de Colônia do Sacramento na riba setentrional do estuário platino conseguiu o Brasil o seu limite meridional. Cita também a definição de Jacques Ancel em sua *Géographie des frontières*.

“A fronteira separa, mas também pode aproximar quando se trata de países altamente civilizados, como França e Alemanha. A fronteira sensibiliza duas soberanias. A fronteira fixa o espírito próprio de uma nacionalidade. A fronteira é a moldura que enquadra esse caráter específico.” (SOARES 1973, p.15)

Essa introdução é necessária para refletirmos que o termo fronteira encontra-se apoiado a Estado / Nação, fronteira do ponto de vista militar, guarnição dos postos presente como mostra a foto 1, indicado por Soares (1973 p.19)

Foto 1: Espaços simbólicos.

Se a fronteira é o condicionamento resultante de uma política, então se impõe ter uma linha de conta, como imperativo vivencial, a existência de uma “política de fronteiras”. Esta política deve ser vigilante, previdente, construtiva, para que as fronteiras sejam estáveis e protegidas, bem como sensibilizadas demográfica e economicamente. Serão as fronteiras vivas, zonas de alta sensibilidade política. O contrário delas serão as fronteiras mortas, ermas, desprotegidas, esquecidas. As fronteiras vivas serão sempre afirmações de um espírito forte de nacionalidade. Fronteiras mortas darão imagem pouco favorável de um país que não cuida das suas lindes como deveria cuidar, porque fronteiras protegidas e povoadas enaltecem o espírito de providência e de organização de um povo.

Foto 2: Exército Brasileiro – 17º Batalhão de Fronteira – Área de Instrução. De frente para a estrada do Jacadigo.



Trabalho de campo (2015)

O sentido mais representativo para o termo fronteira prevalece aquele associado aos limites entre dois (ou mais) Estados-nação. A fronteira, enquanto traço marcado sobre um território visível no mapa geográfico, constitui o signo em torno do qual se estrutura a representação dominante sobre uma porção do mundo, vincula-se a uma imagem do planeta dividido em unidades políticas que comumente chamamos de Estado ou País. A fronteira é determinante para esta visão de mundo, pois sem ela, não há Estados.

Condicionada, entre outras, pela representação cartográfica, a representação da fronteira é carimbada pelo selo de um esquematismo, capaz de permitir a perda das noções mais aderentes à nossa cultura e no lado mais essencial de seu profundo significado (RAFFESTIN, 2005, p. 12).

No sentido criticado pelo autor há um empobrecimento da noção de fronteira, bem como um direcionamento analítico-explicativo que, muitas vezes, concebe a fronteira como sendo uma linha divisória que separa e demarcam territórios, o que em verdade mais se aproxima do conceito de limite ou linha fronteira.

No Brasil esta área é denominada de faixa de fronteira e é definida com uma largura de 150 km a partir do limite. A constituição de 1998 determina que todas as terras devolutas localizadas na faixa de fronteira pertencem à União e que sua exploração só pode ser permitida mediante autorização do governo federal (Steiman, 2002). Na Bolívia, a “zona de segurança fronteriza” é constituída pela faixa de 50 km a partir do limite internacional. Nessa área nenhum estrangeiro pode adquirir propriedades, nem títulos de águas, ou de subsolo. Em caso de estrangeiro residente e proprietários de terras, o governo boliviano pode desapropriá-lo sem direito à indenização (Bolívia, 2007).

Fronteira, ultrapassando o sentido de limite e de zona de fronteira, também relaciona-se às relações humanas, passando a ser um espaço de reflexão e integração, aproximações culturais diversas e solidariedades como se observa nesses “espaços”.

Os olhares que se fazem para as fronteiras (objeto) permitem uma multiplicidade conceitual, realçada por vários autores. Numa perspectiva dialética Bezerra *et al* (2008) apontam que a fronteira tanto é uma faixa de contato, como um limite de aproximação, pois ao mesmo tempo em que representa uma área de separação, apresenta-se também como perspectiva de contato.

Para Raffestin (2006, p. 10, 12 e 13):

A fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela representa, pois ela não é só isso [...]. Assim, uma fronteira não é somente um fato geográfico, mas também é um fato social de uma riqueza considerável pelas conotações religiosas nela implícitas.

[...]

Elas acompanham os movimentos dos povos e marcam as grandes viradas nas transformações das civilizações.

[...]

A fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos de comunicação biossocial que assume uma função reguladora. Ela é a expressão de um equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas em todos os sistemas biossociais.

Enquanto fronteira vivida por estas comunidades, observam o espaço delimitado por marco regulatório de forma multidiversificada, o entrevistado 1 F.H.C.M. (2013) diz que a fronteira “[...] é onde faz divisa com a Bolívia e o Brasil, onde os brasileiros compram roupas, vendem leite e produtos do sítio”. Já para o entrevistado 2 D.D.C. (2013) “[...] é um lugar onde mora pouca gente e onde as pessoas fazem os seus casamentos para o outro país”.

A fronteira é vivida de maneira ímpar visto na foto 2, este viver, estar, permanecer, ser é único; estar entre dois territórios, entrar em contato, se fazer presente, estar presente é conviver com costumes, hábitos, língua do “eu” e do “outro”, não há limites no número de relações produzidas, ao mesmo tempo, dialeticamente, a produção dessas relações cria inúmeros limites (na escala do corpo, de gênero, de religião, de concepção de mundo, de identidade enfim).

Foto 3: Ir e Vir na fronteira.



Trabalho de campo (2012)

Em uma visão contemporânea de fronteira, Castrogiovanni e Gastal (2004) a definem como um espaço de trocas e hibridismos culturais que deve ser vista não como dois espaços distintos, mas como um terceiro espaço, onde a diversidade dá lugar a um enriquecimento cultural, social e econômico para a região.

Diz Costa (2009, p. 69):

O limite internacional, a linha fronteira não é fronteira. Trata-se de uma forma simbólica de indicar uma posse de um dado território na superfície terrestre, seus limites, não sendo tangível nem observável, a não ser pelos marcos divisórios, mas existe, limitando o espaço onde o Estado exerce sua soberania. O limite é uma linha, portando não habitada, enquanto a fronteira ocupa uma franja constituindo uma área, uma zona podendo ser habitadas, escassamente habitadas,

densamente povoadas e desenvolver atividades de intercâmbio muito intensas.

Essa facilidade de ir e vir contribui nas relações de trocas socioculturais, que não enfraquecem a identidade nacional e sim reforçam o sentido de pertencer à fronteira. Exemplos nas falas do entrevistado 3 T.P.S. (2013) “fronteira é uma cidade que é movimentada”, acrescento a fala do entrevistado 4 F.S.S. (2013) “é a mesma coisa que a união de dois povos totalmente diferentes”.

Para Machado (2012, p. 1-2):

É bastante comum considerar os termos fronteira e limite como sinônimos. Existe contudo, diferenças essenciais entre eles que escapam ao senso comum [...]. A fronteira está orientada “para fora” (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados “para dentro” (forças centrípetas). Enquanto a fronteira é considerada uma fonte de perigo ou ameaça porque pode desenvolver interesses distintos aos do governo central, o limite jurídico do Estado é criado e mantido pelo governo central, não tendo vida própria e nem mesmo existência material, é um polígono. O chamado “marco de fronteira” é na verdade um símbolo visível do limite. Visto desta forma, o limite não está ligado a presença de gente, sendo uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes de fronteira. Por isso mesmo, a fronteira é objeto permanente da preocupação dos Estados no sentido de controle e vinculação. Por outro lado, enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, na medida que for uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas, o limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais.

Grimson (2002, p.72), a propósito, explica que:

[...] as fronteiras son espacios de condesación de procesos socioculturales. Esas interfases tangibles de los Estados nacionales unem y separan de modos diversos, tanto em términos materiales como simbólicos. Hay Fronteras que solo figuran em mapas y otras que tienen muros de acero, Fronteras donde la nacionalidade es una noción difusa y otras donde constituye la categoría central de identificación e interacción. Esa diversidad, a la vez, se encuentra sujeta a procesos y tendencias. Paradójicamente, cuando se anuncia el “fin de las Fronteras” em muchas regiones los limites devienen más poderosos.

A fronteira instala o “outro” no nosso imaginário. Ao delimitar “um para lá” e “outro para cá” ela permite a organização e a identificação de tudo o que divide. E com isso, define o que nos é próprio e o que não é; torna-se um ponto de referência para a determinação do que é pertencente a “nós” e a “eles”. Somente assim ela pode ser compreendida como um marco divisório que ultrapassado conduz em direção ao que nos parece muitas vezes diferente desconhecido temido ou mesmo “sonhado”.

Foto 4: Procissão à Nossa Senhora do Carmo na Estrada do Jacadigo, com as comunidades presentes.



Trabalho de campo (2013)

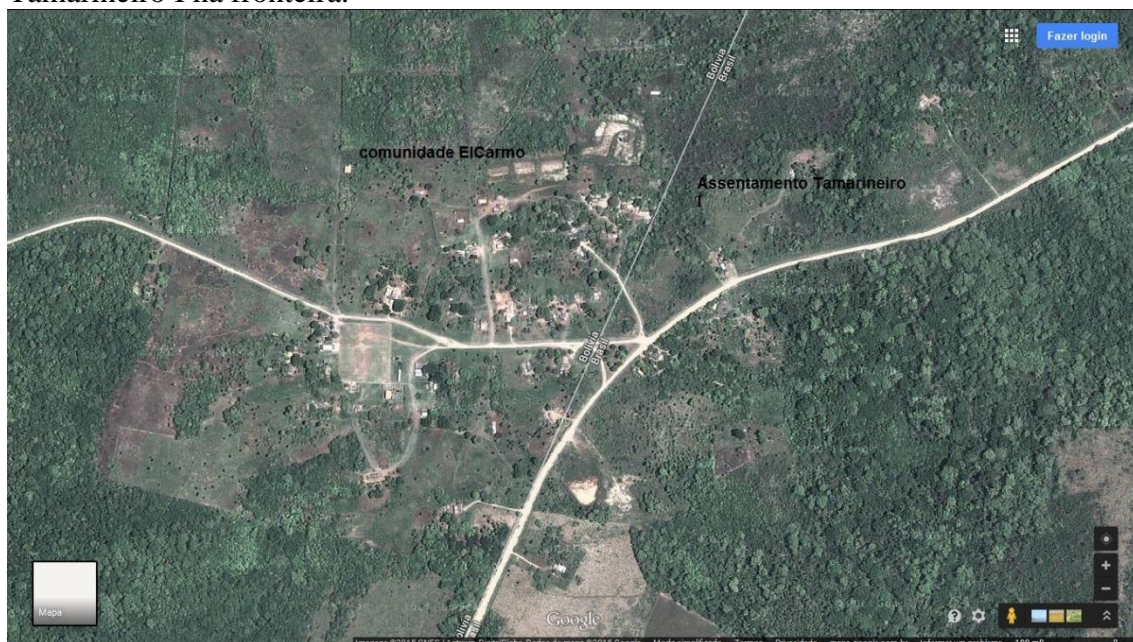
Nesta análise, fronteira vai além da presença de um marco ou cerca de arame farpado, que separa, é uma fronteira que com suas diferenças, suas alteridades, suas identidades, um par da relação está impregnado no outro verificado na foto 3, há uma justaposição, interação, dependendo do momento e espaço há um poder simbólico de uma sobre a outra de relação. O imaterial (social, cultural, religioso) se torna visível, o homem, a mobilidade, vai além da fronteira materializada em limites e cercas, pois ideias e costumes saem de um lugar, mas entram noutro no qual se adaptam e se integram.

A fronteira mostrada na figura 1 constitui um espaço de passagem/movimento, um lugar onde diferentemente do que se poderia imaginar “não há limites”

institucionais, não há uma linha arbitrária entre eles, ao mesmo tempo, que limites são evocados para não esvaziar-se a noção do “eu”, que só se elabora na relação com o “outro”.

As comunidades rurais Tamarineiro I e El Carmén de la Frontera configuram-se em uma extensão espacial, próximas lado a lado, numa espécie de zona de transição/mutação, em que as mudanças ocorrem, as discussões emergem, as ideias dialogam, ora sim ora não, as polêmicas, as superações, a resistência se sobrepõe a linha de demarcação territorial.

Figura 1: Posição da Comunidade El Carmen de la Frontera e Assentamento Tamarineiro I na fronteira.



Fonte: Google Earth, acessado em 23/01/2015.

Nesta perspectiva de fronteira analisaremos as comunidades rurais, cujos espaços são de luta, cuja fronteira se forma através das diversidades, inquietações e resistências.

1.1 - Fronteiras e Limites: aproximações e distanciamentos.

Para sintetizar o trabalho relacionado ao tema fronteira e limite buscamos embasamento teórico em HISSA (2002). O qual permite dialogar sobre seus pontos e contrapontos.

O limite parece ser uma linha tênue abstrata incorporada pela fronteira cujo espaço abstrato e real é por onde passa o limite. Fronteira é ambiguidade, começo de tudo onde parece terminar enquanto limite parece significar o fim.

Como nos mostra Hissa (2002) “O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. Entretanto, a linha que separa os conceitos é espaço vago e abstrato”.

O conceito de limite e fronteira interpenetra-se nas zonas de transição entre domínios ou propriedades.

Quando se faz uma reflexão sobre o poder, ambas as palavras fronteira e limite são estabelecidas para o exercício do poder, uma forma de controle, de estabelecer domínios e demarcar territórios, exemplos dos marcos fronteiriços retratados na foto 4. Hissa (2002) completa “(...) Fronteiras e limites reclamam a imagem, o marco – concretude que, substituindo a abstração, possa fornecer a ideia de exatidão”.

Foto 5: Marco fronteiro localizado na Comunidade El Carmen de la Frontera.



Trabalho de campo (2012)

Assim concordamos com HISSA (2002):

O que deveria ser demarcação perceptível mostra-se espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções. O que foi concebido para ser *preciso* mostra-se *vago*. O que foi concebido para *conter*, transforma o conteúdo em espaço *ilimitado*, incontido. Para além da linha que demarca, é exatamente a fronteira que explicita a amplitude ou a complexidade do que não foi arquitetado para ser contido ou confinado. O que foi concebido para “por fim”, para delimitar territórios com precisão como se fosse uma linha divisória, espraia-se em uma zona de interface e de transição entre dois mundos tomados como distintos. Assim, o limite transforma-se em fronteira.

Fronteira e Limite em seu significado tacitamente aceito, trabalhado é o de delimitação político / administrativa, visto em alguns livros didático e comum nas falas das entrevistas.

O limite é um sinal ou, mais exatamente, um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território afirma Raffestin (1993 p. 165).

Diante de tanta complexidade e abstração recorro à poesia de Manoel de Barros: “No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobre muito quando chove. A régua é existidura de limites. E o Pantanal não tem limites.”; No auge das inúmeras leituras reflito, deleito-me pensando que Fronteira é como o rio e a terra entre eles há a margem (limite), separando-os, mas em épocas de cheia, essas águas ultrapassam as margens chegando até a terra, quando volta ao rio leva um pouco da terra (cultura) e deixa um pouco da água (cultura), mas o rio será rio , a terra será terra , a margem sempre existirá.

CAPÍTULO II – COMUNIDADE RURAL, ESPAÇOS DE LUTA E RESISTÊNCIA NA FRONTEIRA

Oiá meu sinhô.
Vim lá da fundura.
Cunhici a muié,
Do outro lado da rua.

Conheço o Zé, o Tião e o Marcão.
São bão de braço.
Temo um laço.
Somo parente.

Rezo pra Maria
Que não nos falte o pão.
A chuva e o chão.

Vivo pelejando.
O estorvo da necessidade.
Na vontade do doutô.

Na labuta da lida.
Vejo anoitecer.

Acorda homê!!!

Pega a inxada.
Trabaia a terra,
Que dela o sustento.
Cobertor do acalento.

MOURA (2015)

Esta pesquisa trata de duas comunidades rurais localizadas em faixa de fronteira, trazendo desafios ao estudo de fronteira ao colocar luz sobre duas comunidades rurais localizadas e constituidoras do que reconhecemos como fronteira. A comunidade rural tem suas peculiaridades e por estarem localizadas na fronteira suas especificidades merecem atenção, um dos fatores que gostaria de destacar é que a luta pela construção de suas identidades e a sua resistência em permanecer na terra, fazem parte do cotidiano destas comunidades. São lugares de encontro, desencontros, firmações, receios, conflitos, trabalho e até mesmo festa, estudo que requer uma breve análise de comunidade rural dentro deste contexto serve para designar os locais de estudo.

Considera-se, de maneira ampla, que comunidade rural é uma unidade geográfica sustentada numa base físico-territorial, nas relações socioeconômicas e culturais, nas relações de vizinhança e na identidade (sentimento de pertencimento), segundo Moreira (2007).

Podemos especificar, conforme faz Muller (1966, p. 129) que define comunidade rural como:

[...] todo conjunto de casas, suficientemente próximas para que se estabeleçam contatos sociais entre seus moradores. É uma célula de

comunidade rural que existem certos tipos de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência da venda, capela ou escola e cujo raio de ação marca os limites do bairro.

Corroborado por Candido (1971, p. 62) “[...] consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades mágico-religiosas”.

O eixo central das comunidades rurais analisadas neste trabalho tem como base a religiosidade e as relações de parentesco, possuem também dentro da comunidade a capela, a venda, o campo de futebol, a escola e o posto de saúde.

Tratamos nesta pesquisa do conceito de comunidades rurais por entender que o perfil das duas áreas podem ser teoricamente enquadradas como comunidades rurais, considerando as relações sociais travadas no interior das comunidades e na relação entre elas, produzindo um espaço rural. Existem grau de parentesco entre os sujeitos nas comunidades vizinhas e dentro das comunidades, existe sentimento de pertencimento ao local, onde é o lugar de morada, construção e produção, há a identidade enquanto trabalhadores da terra, é possível perceber os sentimentos de solidariedade e de cooperação, sua vida está entrelaçada a terra. Nesse sentido, aprofundemos nossas considerações: numa perspectiva geográfica, Rodrigues (1973, p. 3) retrata a comunidade rural como:

[...] uma unidade espacial, de limites imprecisos, caracterizado pelo sentimento de localidade, sendo uma área de referência do espaço mais amplo representado pelo município. Como unidade espacial pode abrigar mais que um grupo de vizinhança, os quais se integram no seio do grupo de localidade que lhes corresponde.

Exemplo são as comunidades em estudo, pois entre elas há um espaço de passagem, um lugar onde não há “limite”, esses espaços configuram-se numa espécie de zona de transição, onde as mudanças ocorrem, ideias dialogam, as discussões fervilham, as polêmicas e as tendências se sobrepõem ao próprio limite.

Diferentemente os sociólogos (QUEIROZ, 1973 e CANDIDO; 2003), que atribuem às comunidades rurais o caráter de grupo de vizinhança, Rodrigues (1973) demonstra que pode existir mais de um grupo de vizinhança no interior das comunidades e que os grupos mantêm afinidades e certo grau de parentesco. Assim, não existe um único grupo de coesão social, tampouco um grupo de vizinhança centrado numa relação harmoniosa e sem atritos.

Mesmo diante das mudanças ocorridas no âmbito das comunidades rurais, com o crescimento das atividades não-agrícolas e a inserção de novas funções e novos atores sociais, o valor simbólico da terra como o lugar da vida transparece nas falas dos moradores, sobretudo, os mais idosos ou aqueles que nasceram e ainda vivem na comunidade, retrata-se na fala do entrevistado 5 E.L.R. (2013) “[...]Diante de tantas dificuldades eu sou feliz, tenho um pedaço de terra, hoje sei se plantar um pé de laranja verei seus frutos, coisa que não era possível”.

O camponês trabalha a terra para sustentar a si mesmo e ao grupo familiar; só vende nas feiras e mercados o pequeno excedente de sua produção, utiliza o solo que é por sua vez seu material e seu instrumento de produção.

Abordemos o recorte espacial das comunidades em estudo.

2.1 - Comunidade Tamarineiro I (Brasil)

O Assentamento Tamarineiro I encontra-se ao sudoeste da cidade de Corumbá, aproximadamente a 2 km após o posto aduaneiro Esdras (principal posto aduaneiro da Fronteira entre Brasil e Bolívia no município de Corumbá), acompanhando o limite internacional entre Brasil-Bolívia. Apresenta uma área total de 3.812,26 hectares dividida em 126 parcelas de variáveis proporções e três áreas de reservas: A, B e C. O Estatuto da Associação encontra-se registrado sob o número de ordem 366, nas folhas 031 do cartório do 4º ofício em Corumbá – MS.

Figura 2: Localização da Comunidade Tamarineiro I, tendo como ponto de referência o posto Aduaneiro Esdras.



Fonte: Google Earth (adaptado) acessado em 23/01/2015

As terras do Assentamento Tamarineiro I são oriundas de parte das Fazendas Taquaral e Tamarineiro, doadas ao INCRA, conforme portaria nº 061, de 19 de março de 1984. Ele foi criado por meio da Resolução nº 142, de 03 de julho de 1984, implantado em 1987, e fundado em 21/01/1988, o Governo Federal optou por adquirir essa área do Grupo Chama, mediante acordo que legalizava, para o proprietário, o restante da área da fazenda, que estava em litígio.

Conforme o Projeto Definitivo de Aproveitamento Econômico da Gleba Tamarineiro (EMPAER 88/89), as famílias assentadas no Tamarineiro I vieram de várias regiões do Estado: 63 famílias eram posseiros e arrendatários das fazendas Taquaral e Tamarineiro; 33 eram sem terras do município de Corumbá; e 39 eram

posseiros e arrendatários das fazendas Jequitibá e Entre Rios do município de Naviraí – MS.

Tais agentes, podemos pontuar, passaram por um processo de desterritorialização (HAESBAERT, 2010), esclarecemos: do avanço de diferentes fronteiras sobre as porções espaciais que se estabeleceram, ou seja, do avanço da fronteira agrícola após meados do século XX (sob o âmbito da espacialização dos fazendeiros, instituindo a propriedade privada às terras devolutas, e adquirindo as pequenas propriedades dos camponeses, não raro, com atitudes fraudulentas como a grilagem de terras); do avanço da fronteira capitalista, ou melhor, da territorialização do modo capitalista de produzir no campo, que desterritorializou parcelas consideráveis de camponeses, que ainda mantinham-se socialmente nessas porções espaciais, por meio da instituição de uma pecuária e agricultura tecnificada, substituindo as “mãos que trabalhavam a/na terra”. O avanço dessas dinâmicas capitalistas redefiniu as relações sociais no campo sul-mato-grossense, reconfigurando sua estrutura sócioespacial, acarretando, enfim, na desterritorialização de agentes de porções espaciais onde antes havia uma agricultura familiar levando-os a reterritorializarem-se em outras porções (assentamentos) espaciais com novas perspectivas de vida.

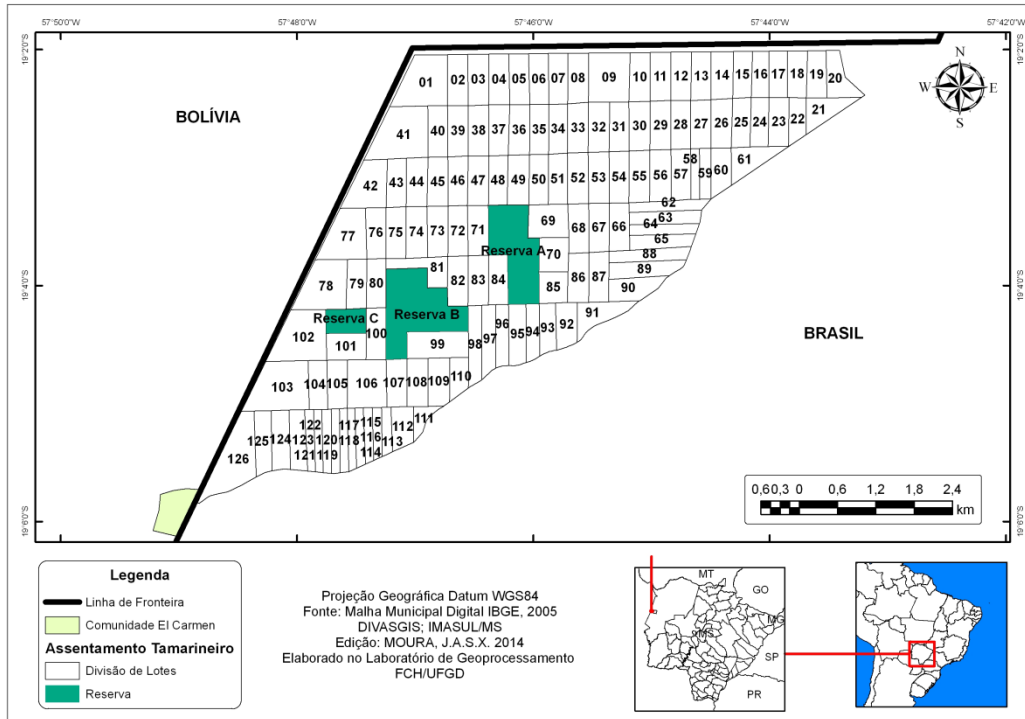
As famílias originárias de Corumbá tinham tradição agrícola: plantavam mandioca, milho e feijão para seu sustento. As famílias oriundas de Naviraí, por sua vez, demonstravam satisfatório conhecimento sobre agricultura, introduzindo novas culturas, diversificando as atividades no Município, as mesmas enfrentaram grandes dificuldades no início devido à peculiaridades da região – solo pobre para o plantio, como demonstraremos mais à frente.

Na seleção das famílias não houve consideração quanto ao seu perfil e sim acordo feito com os ex-proprietários da área para o remanejamento de todas as famílias que se encontravam no restante de suas terras, não doadas ao INCRA. Com relação às famílias de Naviraí também não houve seleção, apenas a transferência de lá para cá. Acordos, pontue-se, que levaram à desterritorialização e conseqüente reterritorialização desses agentes no espaço, conformando um “território novo”, a partir do qual, passaram a reproduzir suas relações sociais.

Devido à emancipação do assentamento todos os assentados possuem o título definitivo do lote, em sua maioria foram repassados dos pais para os filhos, há pouca representatividade de lotes vendidos ou trocados. As casas construídas em sua maioria são de alvenaria, mas existem as de madeira e pau a pique, estas se mostram em sua

minoria, tendo de 02 a 06 cômodos em geral. Abaixo na figura 3, a divisão dos lotes a cada família.

Figura 3: Detalhamento dos lotes da Comunidade Tamarineiro I, indicando os lotes que fazem contato com a linha de fronteira.



Pontue-se que, embora os solos locais possuam boa reserva de nutrientes, as limitações ao cultivo agrícola são expressivas, representadas, principalmente, pela deficiência hídrica, fator de extrema relevância, agravado pelas características físicas de alguns solos representada pela foto 5, onde há afloramentos rochosos, fazendo com que os camponeses pensem em outras possibilidades de plantio e criação de rebanhos.

Foto 6: Afloramento Rochoso na parte norte da Comunidade Tamarineiro I.



Trabalho de campo (2013)

De acordo com análise de qualidade da água subterrânea apresentada pela empresa Agrária de Engenharia relatada no Plano de recuperação do Assentamento (2008) pela Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural cita que são predominantemente bicarbonatadas magnesianas, apresentando, em média, 530 mg/l de sais dissolvidos, levando a muitos terem problemas renais.

A deficiência de águas superficiais nesse planalto residual fez com que uma minoria utilizasse águas subterrâneas, por meio de perfuração de poços freáticos e artesianos (EMBRAPA, 1997, apud PDA, 2002), como somente a minoria possui poços artesianos dentro do lote, ficando a maioria à margem, utilizando-se água da rede para consumo, para o rebanho e para molhar as plantas, quando não há falta do precioso líquido.

A água é, segundo relatos dos assentados, o maior problema existente no Assentamento. A solução para essa questão depende de investimentos financeiros para a melhoria da qualidade de vida e aumento da quantidade de água conjuntamente com o desenvolvimento de educação para que as famílias assentadas possam utilizar e manejar as fontes e os cursos d'água de maneira adequada.

Há que se assinalar que devido a diversidade de fauna e flora justifica a necessidade de conservação e preservação das áreas naturais como mostra a figura 3, há 03 áreas de reservas no Assentamento definidas como reserva A,B e C.

Quanto à cobertura vegetal, os assentados destacam a presença de paineira, graúna, pau-santo e carandá. Algumas espécies como o angico, a sucupira, a braúna, o pau-santo, a peroba e a figueira são bastante procuradas para a construção de cercas, currais, casas e móveis.

Em seus lotes exibidos na foto 6, vemos consórcio de plantação de milho, mandioca, feijão, banana, melância, abóbora, cana de açúcar, melão para subsistência da família e de seus animais, o excedente é comercializado nas feiras, no próprio lote, entregue a alguns mercados ou até mesmo comercializados na fronteira com a Bolívia.

Foto 7: Diversidade de plantação na roça, comercialização no próprio lote – Comunidade Tamarineiro I.



Trabalho de campo (2015)

Há, ainda, a criação de bovinos, suínos e aves para consumo; os principais produtos da pecuária são o leite, comercializado em garrafas “pet”, ou em sacos plásticos (pois o único laticínio fechou), o queijo, ovos; raras vezes é comercializada a carne bovina, e quando o assentado vai matar alguma vaca, sai na vizinhança perguntando quem vai querer fechar o grupo, há a entrega da carne, sendo, ainda, uma

alternativa a venda de algum animal para festa de casamento ou 15 anos (uma tradição na cidade oferecer churrasco e sarrabulho [miudezas bovinas com vinho] para os convidados). Não se pode esquecer dos finais de ano onde há muita procura de ambos os lados: brasileiros e bolivianos de carne bovina e de porco diretamente no lote para as festas de Natal e Ano Novo.

É comum nos lotes encontrarmos pomar e horta, quando a escala de produção é grande na horta, há comercialização no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)⁴ e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)⁵.

O Assentamento é representado por uma única associação, fundada em 1987, ligada ao STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Corumbá que, por sua vez, é vinculado à FETAGRI – Federação dos Trabalhadores em Agricultura.

A associação se encontra em funcionamento, possuindo 41,17% dos assentados como sócios, os quais consideram boa a atuação da associação. Na tomada de decisões e busca de benefícios, os produtores deixam a competência para a diretoria que os representa. A divulgação de reuniões e assembleias se dá através de avisos na rádio e na escola.

Em uma área de aproximadamente 4,5 ha, destinada ao uso coletivo, existe o prédio do Centro Comunitário, composto por um salão de reunião de 120m², que não está em funcionamento por falta de equipamentos, de instalações hidráulicas e de esgoto e manutenção. Quanto ao galpão para máquinas, ele está praticamente abandonado, a maior parte das paredes e telhados foi arrancada pelo vento constatado pela imagem da foto 7.

⁴ Criado em 2003, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) é uma ação do Governo Federal para colaborar com o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a agricultura familiar. (MDA, 2015).

⁵ Por meio da Lei nº 11.947/2009, a Agricultura Familiar passa também a fornecer gêneros alimentícios a serem servidos nas escolas da Rede Pública de Ensino. (MDA, 2015).

Foto 8: Galpão de Máquina da Comunidade Tamarineiro I.



Trabalho de campo (2014)

A associação dos produtores possui dois tratores agrícolas, equipados com duas grades aradores, uma carreta agrícola de dois eixos e dois tanques pipas com capacidade de três mil litros.

No Assentamento Tamarineiro I existe, ainda, o prédio do posto de saúde apresentado aqui pela foto 10, o prédio da escola com quadra de esporte de uso coletivo da comunidade, ambos funcionam ativamente. Existe um telefone público na frente da escola, mas apresenta problemas frequentes. Na maioria dos lotes, os produtores utilizam telefone celular e rádio.

No setor de energia elétrica, há pouca capacidade elétrica para se tocar motores, trituradores e resfriadores de leite e as redes secundárias são do tipo monofásico. Existe um transformador de 7,5 kVA para o contingente de cinco lotes.

De acordo com o Plano de Recuperação do Assentamento (2008), existem cerca de 27 Km de estradas internas, além dos 2 Km de estradas externas que dão acesso à sede do Município. A manutenção das estradas é feita pela Prefeitura Municipal em parceria com a AGESUL, órgão do Governo do Estado, o problema agrava-se no período das chuvas observado na foto 8, há em alguns trechos que exigem

drenagem, e tubulação adequada. Por informações dos assentados e da Associação, o governo do Estado, por meio da AGESUL, não tem atendido à manutenção das estradas, por considerar que isso é competência do município de Corumbá.

Foto 9: Estrada do Assentamento Tamarineiro I em época de chuva.



Trabalho de campo (2015)

A água no Assentamento Tamarineiro I advém de dois poços artesianos e é distribuída por rede para os lotes. A qualidade da água não é boa, em todos os poços ela é calcária (salobra). A população não realiza nenhum tratamento dessa água para uso humano, não é emitido fatura a ser paga pela água, cobra-se o valor de R\$ 20,00 (vinte reais) pela utilização do mesmo, este valor é pago a quem é responsável pela manutenção.

Quanto ao transporte, o mais utilizado é o ônibus coletivo, realizado pela empresa Cidade Corumbá que circula em dois horários. Ressalte-se que, em época de chuvas, o assentado fica ilhado, em razão das estradas ficarem sem condições de circulação.

Fica claro nos trechos acima como podemos identificar “margens” nos “limites”, ou melhor, como podemos verificar limites sociais, de condições de existência, como o acesso à água, nessa porção da totalidade espacial (campo) situada

na margem entre dois Estados-Nação. Soma-se a essa principal “dificuldade fronteiriça” do acesso pleno a este elemento básico (água) para a existência humana, o deslocamento espacial é limitado pela estrutura das estradas que fazem a ligação da área em estudo às porções espaciais do entorno (cidade de Corumbá, cidades na Bolívia, áreas rurais próximas).

Podemos, nesse sentido, inferir que apesar desses “limites” que se dão nos “limites territoriais”, as comunidades continuam a (re)produzir socialmente sua existência. Talvez, podemos nos aproximar da seguinte afirmação: tais “limites sociais”, em sua dimensão econômica, técnica e política, configuram um espaço com um conteúdo sócio-cultural de uma essência tradicional, coletiva, solidária..., que (re)produz sobre a égide dessa estrutura.

Quanto ao saneamento básico e aos resíduos sólidos, de acordo com o questionário aplicado, o serviço é precário, ou, muitas vezes, inexistente, na maioria das vezes os resíduos são queimados a céu aberto.

Considerando os aspectos físicos supracitados, o que procede são as análises de dados coletados por meio das entrevistas, observações em campo, no qual resultou informações importantíssimas para ter se a noção de descrição das lutas e resistências destes sujeitos viventes em fronteira.

O resultado das entrevistas aponta que a maioria dos assentados recebe algum tipo de benefício seja ele aposentadoria ou vale renda⁶, destes 10% não recebem nenhum tipo de benefício.

Conforme, ainda, o questionário, poucos fazem a exploração da atividade leiteira, a média de animais é pouca, e a ordenha é feita tradicionalmente, a céu aberto, uma vez ao dia. O leite é vendido em garrafas pet, de porta em porta nas casas, nos mercados, nas feiras. Por vezes, há produção de queijos. Por mais comezinhas que pareçam essas atividades econômicas, pontue-se o aspecto de tradicionalidade dessas relações, baseadas na conversa face a face, na não mediação do lucro, na amizade estabelecida pelos laços cotidianos. Define-se/estrutura-se, desse modo, essas relações comunitárias rurais e de fronteira.

⁶ O Vale Renda é um programa desenvolvido pela Superintendência de Benefícios Sociais, da Secretaria de Estado de Trabalho e Assistência Social (SETAS,) que tem o objetivo de desenvolver ações voltadas para as famílias sul-mato-grossenses em situação de vulnerabilidade socioeconômica, auxiliando-as no trajeto para a independência e melhores condições de vida em um futuro mais digno.

Foto 10: Criação de Caprinos no Tamarineiro I.



Trabalho de campo (2013)

O que vem crescendo no Assentamento é a ovinocaprinocultura, destacando-se a produção de cordeiros e cabritos notadas *in loco* pela foto 9, onde são vendidos na própria propriedade ou comercializados na Bolívia. Existe ainda a criação de pequenos animais: pato, galinha e porcos para consumo próprio. Não há registros de dados desta produção, por ser uma atividade recente e, o aumento da produção resulta de uma percepção adquirida pela pesquisa.

Foto 11: Posto de Saúde da Comunidade Tamarineiro I



Trabalho de campo (2013)

Quanto à Saúde, as questões apresentadas pelos assentados relacionam-se à dificuldade de se marcar uma consulta para atendimento médico e odontológico, o que faz com que o saber popular acerca das plantas medicinais muitas vezes se torne uma prática no cotidiano das pessoas. Pontue-se, nesse sentido, que curas caseiras, um elemento tradicional nas relações socioculturais da comunidade, fazem parte das ações desses agentes no tratamento de enfermidades, que dispensam um aparato médico e tecnológico mais sofisticado – como exemplo temos as plantas coletadas para a elaboração de chás caseiros que auxiliam na digestão, de plantas para o tratamento de pequenas queimaduras, etc.

No que refere à Educação, há uma escola em funcionamento. Conta com oito salas, oferecendo ensino nas modalidades Educação Infantil e Educação Fundamental de 1ª a 9ª séries. Há transporte escolar cuja responsabilidade é da prefeitura municipal de Corumbá. O veículo foi adquirido pelo recurso da FNDE e fica impossibilitado de circular em época de chuva. Após o término do Ensino Fundamental, o jovem assentado precisa procurar mecanismos para completar seus estudos. Muitos migram para a cidade morando em casa de parentes, outros mudam-se com a mãe, poucos vão para a escola

agrícola, (regime internato), em alguns casos substituem a escola pelo campo do trabalho na cidade ou ajuda o pai na roça. Diante desta conjuntura há o conflito de permanência ou não na terra por mais arraigados que sejam o vínculo pela terra. A esperança que move estes sujeitos é que os filhos vão estudar na cidade enquanto permanecem no lote, após formarem muitos tem a esperança de que os filhos retornem a terra trazendo seu ofício colaborando e auxiliando os pais, outros vão e não retornam, existem ainda os que retornam para levar os pais mudando se para a cidade. Isto é uma questão simbólica de sorte, trabalho e fé.

Essa busca é intensa em ambas as comunidades, pois os pais querem deixar as terras para os seus, que dá terra tira se o sustento da família, que através dela dará ao filho oportunidades e este voltará e manterá o ciclo de produzir, reproduzir e construir na terra. Este é o legado.

No Assentamento Tamarineiro I, por localizar-se no limite territorial Brasil-Bolívia, justamente uma área com divisa seca, a questão com a segurança é preocupante, questões de tráfico de drogas, contrabando e roubo de automóveis fazem parte desta problemática que assola as fronteiras, já houve roubo de gado, de máquinas agrícolas (como o caso da Associação), motos, carros e abordagens em época de pagamento. A dimensão conflitiva da fronteira, no sentido posto por Martins (1997, p. 150):

O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. [...] Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular.

Por diferentes motivos, engendram-se nessas porções territoriais (nas bordas) tais conflitos configurando a singularidade a fronteira, onde o “outro”, o pertencente a “outro território”, “outra identidade”, “outra classe social”, representa o diferente ao que está do “lado de cá”, ao mesmo tempo em que o “daqui” representa o diferente ao do “lado de lá”. Posto isso, analisemos o “lado de lá” da fronteira.

2.2 - Comunidade El Carmen de la Frontera (Bolívia)

Eu tô com oitenta e seis anos, eu sou nascido dia quatro de janeiro do ano de 1928, eu tô morando aqui nesse lugar até agora né acho que vou ficar por aqui mesmo já não vou sair mais. [...] Já foram embora, não tenho nenhum companheiro, meu amigo, meu conhecido que tá, só eu graças a DEUS, que tô vivo, só eu mesmo, vou falar direitinho, só eu, meus companheiros, não sei porque que foram embora. [...] Fico muito contente sabe por quê? Uma conversa muito boa, o que me esperei, você despertou a memória, a memória é inteligência, entrou aquelas conversas dentro de meu peito, meu coração e minha cabeça, a alegria e felicidade da alguma visita que você veio então, Amém. [...] Quando morrer, pronto, acabou [...].

Jovió (2014)

A Comunidade El Carmén de La Frontera vista na foto 11, está localizada a 20 km do distrito de Puerto Quijarro, na província de Germán Bush, departamento de Santa Cruz/Bolívia. O processo de ocupação iniciou-se no século XIX. É uma comunidade rural que foi criada em 16 de julho de 1905, fundada por um grupo de soldados camponeses com o objetivo de resguardar o limite territorial internacional. Faziam parte deste comando os soldados com tradição camponesa: Poñe, Jovió, Rocha, Mendez.

Foto 12: Comunidade El Carmen de la Frontera.



Trabalho de campo (2014)

Como não há registros que relatem sobre as pessoas que constituem a comunidade, por exemplo, de onde vieram? Quem eram? Optamos por utilizar como metodologia a entrevista com pessoas mais idosas da comunidade. Um dos relatos importantes foi do entrevistado Nelson Jovió constatada na foto 12.

O Inácio Paz sabe da onde que é? De São Miguel da Bolívia, eles eram miguelinhos, casou com Dona Paulina minha prima, veio do quartel, achou bom aqui e começou a trabalhar. Ficou aqui. Carmelo é meu irmão, nasceu aqui, João da Cruz é meu primo irmão, que é marido de Dona Assunta, nasceu aqui, Francisco Mendonça nasceu aqui também, Luiz Tomichá nasceu lá na Bolívia chama Sargiguã ao lado do Mutum, ele chegou aqui porque conheceu a Dona Antonia que morava lá no San Pedrito, chegando lá tinha um carro de boi, tinha os boizinhos dele, então ela ficou com ele, ele ficou lá, enjoou e ele mudou de lá, ai ele veio pra cá, e aqui que ele faleceu, eu conheci ela novinha, novinha, mocinha, DEUS me ajudou a ter força e saúde que ainda to vivo. Francisco Mendonça nasceu aqui também. Nicolas Mendes nasceu na Bolívia, ele nasceu na Santa Cruz, ele veio porque este, ele era soldado no quartel, era policia, e lá destinaram ele pra Puerto Suárez e ficou ali, e ai deram baixa pra ele, veio trabalhar pra cá, onde consegui minha prima a finada Asunta, ai ficou morando aqui, já fez filho, e agora só tem os filhos eu conheço eles, são todos meus sobrinhos. O Salomão da Silva, ele é meu cunhado. Dona Ramona é minha prima irmã, ele nasceu aqui, aqui mesmo não mas ali, aonde tá morando seu Oliveira, ali que ele nasceu. Pedro Pessoa era meu cunhado, chegou aqui pra trabalhar, nasceu no Paiolzinho, ele conseguiu minha irmã ele mudou pra cá, Ventura Sena mora em São Pedrito, ele mudou aqui, a mulher chamava-se Marcela, Marcela Poñe, ela tá em Corumbá, já tá velhinha, ela é a mais velha, a mais velha deste lugar, ela tá com mais ou menos, noventa anos, João da Cruz Poñe é daqui também [...].

Foto 13: Entrevista realizada em setembro, na Comunidade El Carmen de La Frontera



Trabalho de campo (2014)

Muitas das informações aqui relatadas foram apreendida a partir das histórias dos sujeitos que vivem nesta comunidade⁷, muitos já morreram sem ter a oportunidade de deixar registrado em documentos, “palavras amarradas em pautas”, colaboraram conosco a Família do Srº João da Cruz e o Srº Nelson Jovió, único vivente do grupo que colaborou na formação da comunidade, embora a comunidade já estivesse fundada.

Nós. Nós viemos de longe, né lá do fundo caminho do Mutum, uma lagoa que nunca secava, secou lá tivemos que vim pra cá. Aí nos moremos aqui, trabalhamos na roça, não tinha firma não tinha nada [...] Nós limpamos tudo aqui com foice, machado, não tinha nada, era mato abandonado, só tinha a divisa; Brasil / Bolívia, a água era ali de baixo, ali que pegava água [...] Eu era solteiro, era novo, porque nasci ai no Brasil aonde tá seu Oliveira aí eu nasci e fui criado aqui, criei aqui já 12 anos, abandonei aqui o Carmo de la Frontera ...

Chegando à divisa da fronteira, limparam o local, fixando moradia, tudo era difícil, sem água, energia elétrica, estrada, escola, posto de saúde... adaptaram-se da forma possível a existência neste local, com recursos da natureza e ação humana

⁷ As histórias da comunidade foram obtidas através de entrevistas, em anexo.

construíram suas moradia (feita de barro, tronco de árvore, sapé), lamparina artesanal (utilizando-se de lata, barbante e querosene), móveis (cama, armário feitas de madeira farta na localidade), plantavam, criavam galinhas, sobreviviam.

Deram início aos casamentos entre os seus e entre a comunidade existente do lado brasileiro, onde funcionava a siderurgia do grupo Chamma, empresa que trazia nordestinos e bolivianos para trabalhar na derrubada da mata retirando a matéria prima para alimentar seus fornos, nesta conjuntura houve a consolidação de povos brasileiros e bolivianos numa fronteira seca, onde seus filhos eram registrado no Brasil ou em alguns casos possuem dupla nacionalidade.

A siderurgia do grupo Chamma possibilitou esta interação, integração e descendência brasileira, colaborando com a ocupação destes espaços, surgindo após uma reterritorialização deste mesmo espaço.

(...) Ai tinha essa Companhia, a siderurgia, foi aonde trabalhava fui ajudante de caminhão.[...] trabalhavam tudinho era no machado, aí tá teve mais oportuno pra nós, já não abandonava a família, i longe, tudo era aqui perto. Fizemos a igreja, a pracinha, agora é campo de bola, nós fizemos à ponta de facão, machado, picareta, os dias sábados fazíamos trabalho comunal, nos reunia umas oito pessoas, cavucando ao redor dos olhos de boi, pra arrancar com tudo, pra não nascer mais, agora tá ali um campo de bola. Agora não me lembro bem o ano, eu não me lembro, eu esqueci.

As terras da porção oeste do município de Corumbá em sua grande maioria pertenciam ao Grupo Chamma, a siderurgia localizava-se na fazenda Paiolzinho (hoje Assentamento) e os sujeitos moradores na comunidade El Carmém em sua maioria trabalhavam na siderurgia, como é relatado.

(...) Aí tinha essa Companhia, a siderurgia, foi aonde trabalhava fui ajudante de caminhão. (...) Sabe quanto saco de forno dava? Dava duzentos saco de carvão, esse carvão ia pra Ferro Liga, lá botava no forno, estendia o forno, auto forno e aquele carvão derretia, misturava, e corria o ferro pra baixo, por isso se chamava ferro liga, eu não quis trabalhar, era muito feio, muito ruim, trabalhei no quadro de carvão, levar numa leva lá em cima, pra derramar o carvão dentro do forno e até agora tá. Lá na siderurgia trabalhei seis mês, lá perto de Ladário. Aqui entrava nu forno dezoito metro de lenha, aí eles faziam aquela porta, fazia um buraco colocava fogo lá, e aquele que entrava lá pra dentro aí queimava tudo. [...] gente boa, gente que trabalha no escritório, tudo foram, trabalho no escritório é encher o caminhão de lenha, então num cargo desse vem a ser a dezoito metros, oito metro de cada lado era tudo tarefaado, dez viagem por dia, e quando a linha era boa até onze horas já fazia aquela viagem, encostava o caminhão lá pro outro dia, o caminhão tinha algum probleminha, levava lá na

Usina, pra arrumar ele pra verificar o que tinha na usina [...] Recebia em mil réis, com cinco e dez mil réis, você comprava muitas coisa, ganhava pouco, mas era barato, barato mesmo, o quilo da carne era um e cinquenta o quilo, íamos em Corumbá pra comprar, pra isso tinha o caminhão da Siderurgia pra levar nós em Corumbá. O dono da Siderurgia chamava Nelson Chama, ele já é morto, morreu afogado lá pro caminho do Urucum.

A vida que se seguia era com dificuldades, recebiam proventos das horas trabalhadas na siderurgia, trabalhavam em fornos, na exploração de toras de madeira, carregavam essas toras no braço, dificilmente saiam da área de trabalho, para se locomoverem só havia o meio de transporte da firma, privilégio de poucos principalmente daqueles que trabalhavam como motoristas.

Sem dizer que todos dependiam da empresa, pois nela havia o mercado, a carne, recebiam e pagavam pelo consumo de mercadorias. Exploração da mão de obra e da natureza no mercado capitalista.

Mantinham a cultura e o vínculo com a terra; fronteira existia na delimitação territorial, mas sua mobilidade era visível tanto na constituição familiar, vínculos de amizade, trabalho e até mesmo na língua, pois aprendiam uns com os outros, mas sem deixar sua língua materna, falavam em guarani, “castelhano” e português.

A princípio vivia do que a terra lhes proporcionavam, “roça” era o que sabiam fazer e até hoje vivem com e da roça e como não havia escoamento, por mais que partilhassem muito se perdia.

(...) A vida aqui foi bom, trabalhava, trabalhava roça, quando não tinha essa firma era roça, e tudo que plantava na roça dava produção, é banana, batata, mandioca, milho, abacaxi, cana era tudo. Não vendia porque tinha como levar pra Corumbá, ficava aqui só pra nosso gasto, as vezes o que nós plantava perdia, porque não tinha saída. Esta estrada aqui nova sabe quem fez, foi a siderurgia, pra correr os caminhões duro com lenha pra encher os fornos aí no Paiolzinho.

Devido à falta de referências bibliográficas para descrição do histórico da comunidade, optou-se a registrar as histórias relatadas de acordo com Demartini (1994), existem inúmeras vantagens no trabalho com esta perspectiva, dentre elas, o fato de pesquisadores e pesquisadoras em seus contatos com as pessoas entrevistadas poderem realizar a construção de documentos. Pollak (1989) destaca o fato de serem tais pontos de contato que tornam possíveis a reconstrução das lembranças sobre uma base comum.

Atualmente têm como representante legal a sub-alcadeza que tem como função zelar pela Comunidade, pelos trabalhos, pelas necessidades, apresentadas pela Comunidade; foi escolhida pelo sistema de eleição.

Durante a realização deste trabalho, no ano de 2014 foram contadas trinta e cinco famílias vivendo na Comunidade. Todos possuem laços familiares de parentescos, pertencentes à árvore genealógica dos formadores da comunidade. Nela predomina a religião Católica Apostólica, daí a importância junto ao Forte fundar uma igreja, representada primeiramente por uma imagem dado ao Srº João da Cruz, presente até hoje na capela, a partir daí segue o sonho da edificação e hoje ainda trabalham para a melhoria da capela, simples, mas com um valor incalculável para a fé desta comunidade.

Foto 14: Mães e filhos fazendo seus pedidos em uma oração de agradecimento, durante as comemorações da festa de Nossa Senhora do Carmo na comunidade El Carmen de la Frontera.



Trabalho de campo (2013)

De maneira a manter a tradição, a devoção e religiosidade observada na foto 13 é passada de pais para filhos de forma manter a fé impregnada nesta comunidade, que se perpetua nas gerações seguintes o desejo de permanência desta cultura, exemplo descrito na fala abaixo:

(...) eu fui padre, líder, líder aí dessa igreja, abandonei a igreja, porque já não enxergava as letras, pra abrir o livro e ler, então tava o finado João da Cruz, ele tomou conta, depois que ele faleceu tomou conta à filha, Asunta, agora tá li ela, ela que toma conta.

A comunidade El Carmen de la Frontera com 109 anos de criação, possui suas particularidades, hoje os sujeitos que lá vivem possuem água salobra (calcárea) abastecida por poço semiartesiano, energia, escola - que funciona sob a modalidade de multiseriado contemplando o ensino de 1^a a 5^a séries. A escola conta com doze crianças, uma única professora, moradora da Comunidade, que assume todas as funções. Possui biblioteca, sala de multimídia: computadores, televisão, antena parabólica, posto de saúde – inaugurada no ano de 2014, Forte – Base Militar.

No ano de 2014, o governo da Bolívia estava doando de duas a cinco cabeças de gado para quem possuísse condições para a criação, observa-se a tradição com o cultivo, o sujeito vinculado com a terra, a terra como espaço de moradia e de produção. Identificam-se com a “roça” espaço vivido e produzido, como nos diz Lefebvre (1976) o espaço deve ser pensado na perspectiva do espaço vivido, na medida em que é produzido, projetado conforme a prática social. Sintetiza Farias (2002), É nele que encontramos ideologias e valores culturais que podem ser articulados e desarticulados pelos indivíduos em sua vida cotidiana.

Por estarem na fronteira uma comunidade ao lado da outra, possuem suas particularidades que permanecem sólidas como: as festas de Semana Santa (momento em que se faz o percurso da Via Sacra), acontecimento nas duas comunidades, o Dia dos Pais (19 de março, o dia de São José, o pai adotivo de Jesus), o Dia das Mães (27 de maio) são acontecimentos vistos diferenciados de acordo com o calendário de cada comunidade e a festa de Nossa Senhora do Carmo (16 de julho). Iremos dar ênfase a ela posteriormente, à missa de Cabo de Año, chamado de Velório da Cruz, que faz parte da cultura da comunidade boliviana, principalmente pelos mais antigos, não adotadas pela categoria mais jovens, visto pela pesquisa não porque não querem mas por falta de conhecimento e aniquilamento pelo modo de vida moderna.

Cumpramos mencionar que a Comunidade Tamarineiro I foi fundada em 1988; e a Comunidade El Carmen de la Frontera, em 1905. Existe uma diferença enorme, cronologicamente, mas quando se focaliza o movimento, tem como resultado o fato presente, elas coexistem, uma está interligada à outra, desde a sua formação, uma vez que uma permitiu a existência da outra. Existe o limite territorial determinado pelo

Estado, mas, na ação, e no movimento, o homem com sua identidade e subjetividade é ator da sua história no tempo e no espaço. Pretendemos mostrar no capítulo que se segue.

CAPITULO III - A GEOGRAFIA DO AMANHECER NA FRONTEIRA

Em uma tarde ensolarada na escola. A professora começa a sua aula.

-O que é Geografia? Joãozinho.

-Descrição da Terra. Fessora.

-Não se esqueça “da” humanização... Joãozinho.

Um novo dia amanhece e com ele nossa jornada inicia-se na fronteira. Saindo do centro da cidade de Corumbá pela Rua Dom Aquino Correa dirigimos à frente da escola municipal CAIC Pe Ernesto Sassida onde a rua deixa de ser rua para se tornar rodovia Ramón Gomes que dará acesso as comunidades objeto de estudo deste trabalho, neste trajeto encontramos o estaleiro Tamengo, Companhia Independente de Policia Ambiental, parque Marina Gattass, Delegacia da Polícia Rodoviária Federal em construção, cemitério Nelson Chamma após vemos o destacamento militar Posto Esdras, do 17º Batalhão de Fronteira logo em seguida passamos pela Receita Federal ao invés de passarmos pela ponte que divide as fronteiras entramos a esquerda como mostra a foto 14, pela estrada vicinal conhecida como estrada branca, avistamos o muro da Receita Federal em seguida, após atravessar a linha férrea, visualiza-se a Área de Instrução Militar do 17 Batalhão de Fronteira do Exército Brasileiro, após a vista passa a ser do assentamento Taquaral e Paiolzinho, na sua direita sentido sul encontra-se uma faixa de fronteira seca separada somente por montes de terra servindo de paredão divisório, seguindo ainda a estrada do Jacadigo, estrada de terra, chão batido, terra branca, é a comunidade Tamarineiro I em sua extensão de 12 Km aproximadamente.

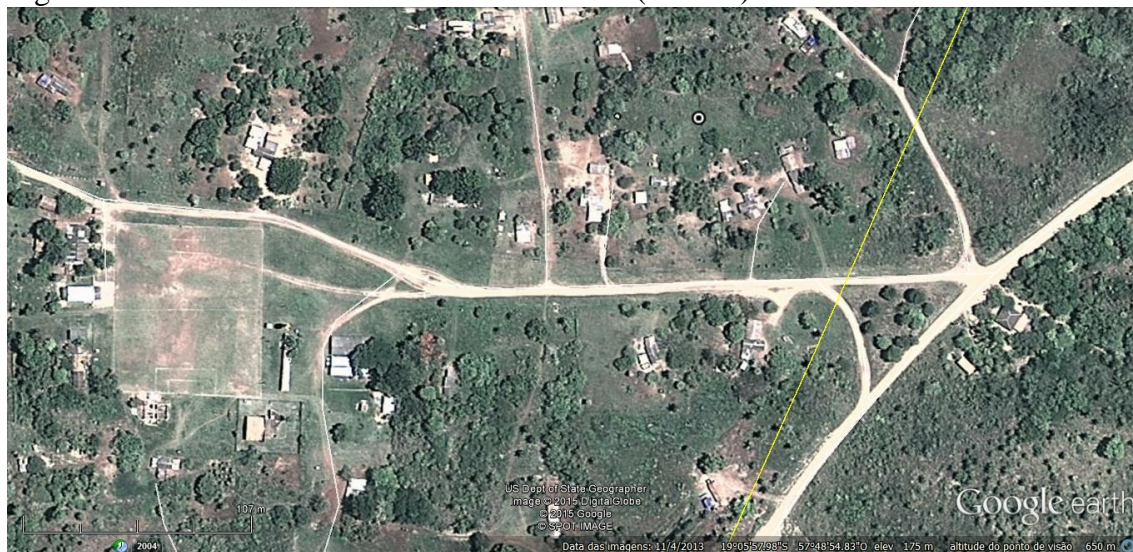
Foto 14: Acesso às comunidades em estudo, a estrada do Jacadigo entre a Receita Federal do Brasil e a ponte que divide fisicamente a fronteira.



Trabalho de campo (2015)

Finalizando os 12 km de estrada aproximadamente, ao lado da comunidade Tamarineiro encontramos a comunidade de Nossa Senhora do Carmo de la Frontera, na entrada o marco regulatório do Estado, demarcando a fronteira, porta de um outro país chamado Bolívia, avistamos as casas à 250 metros, aproximadamente, do marco esta o exercito da Bolívia, a escola, o posto de saúde, a igreja, o galpão de festa e o campo de futebol como mostra a figura abaixo.

Figura 4: Comunidade El Carmén de la Frontera (Bolívia).



Fonte: Google Earth acessado em 01/04/2015

No nascer e no pôr do sol é possível encontramos vários veículos com placas bolivianas utilizando a estrada do Jacadigo em direção à cidade de Corumbá, a maioria não utiliza a estrada à noite ou se for utilizar, usa-a com cautela, descrição e receio de furto. O mesmo existe quando máquinas são alugadas para trabalhar nos lotes, seja particular ou da associação, o receio de furto é perceptível na fala. Cautela é a palavra dita na fronteira.

A jornada inicia-se concomitantemente com o nascer do sol, bem pelas quatro da manhã enquanto o homem tira o leite, a mulher prepara o chimarrão, temos no café da manhã, o leite, o pão, o queijo feito no próprio lote tem também o cafezinho, para os menores é feito chá, chá de mate queimado ou o “chafé”, após ser coado o café, coloca-se água fervida na borra depositada no fundo do coador saindo um café mais ralinho tomado com bolinho frito ou bolinho de colher, são diferenças perceptíveis entre os sujeitos e nas comunidades.

Os homens vão pra roça, as mulheres vão cuidar da criação: galinha, pato, porco e vão mexer na horta, feito isso vão cuidar dos afazeres domésticos: cozinhar, lavar vasilha, lavar roupa às vezes, passar quando tem energia elétrica, quando não dobra a roupa ou passa com ferro a carvão, as funções é compartilhada com os filhos quando não vão à escola presentes nas fotos 15 e 16.

Foto 15: Divisão de tarefas: ajuda na limpeza da casa e quintal.



Trabalho de campo (2015)

Foto 15: Divisão de tarefas: debulhar o milho e alimentar os pequenos animais.



Trabalho de campo (2015)

Quando essas crianças vão à escola, saem de sua casa muito cedo, muitas vão caminhando cortando cercas, passando entre os lotes, poucos vão de carroça até os travessões, pontos de passagem do ônibus escolar. Em épocas de chuvas é impossível a locomoção dos ônibus escolares em alguns trechos, impossibilitando as crianças de frequentarem a escola.

Escola, espaço de multidiversidades, está localizada na comunidade Tamarineiro I, é uma escola de educação integral, os alunos entram para assistir as aulas às 7 horas cujo término previsto para as 15 horas, devido ao horário que saem de suas casas os menores dormem durante o trajeto de ida e de volta às suas casas, sendo o monitor ou irmão responsável em acordá-lo. Chegando a escola observo alguns grupos e um me chamou muita atenção, me ative a observar, pois os alunos matriculados possuem nacionalidade brasileira, ao chegar próximo a este grupo de meninos, onde falavam rapidamente o espanhol, chamaram atenção também do grupo que estava do lado. A escola faz parte do programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), por localizar se em área de fronteira.

Dado o sinal, todos em sala de aula, busquei averiguar na visão destes, como é vista e sentida a fronteira, algumas foram usadas para pautar este trabalho, comum foi ouvir deste grupo como é vista a fronteira (muitas visões reproduzidas pelo livro didático), mas o interessante foi vivenciar com eles como é sentida esta fronteira, este grupo de meninos (que também tem meninas) fica no canto e fundo da sala, conversam em português com os colegas, com o professor, mas entre eles a língua predominante é o espanhol, e dois colegas da sala aprenderam o espanhol por/para participarem do grupo, ao escrever misturam os idiomas, há certo receio, mas convivem pacificamente.

Retornando ao lote, vejo a preparação do solo para o cultivo de algodão colorido, venda garantida, nos olhos a espera(nça) de chuva para plantar a semente, como em toda agricultura familiar eles produzem para o consumo e consumo dos animais, o excedente é dado, trocado com os vizinhos e parentes quando aparecem no sítio para visitá-los ou é vendido no próprio lote.

Amigos da família vieram comprar mandioca imagem capturada na foto 17, acompanhei o casal até a roça, nela havia consórcio de plantação: mamão, milho e mandioca, é interessante notar a divisão dos “espaços”, área da casa, ao redor o pomar, no pé de goiaba ou de manga o poleiro, mas ao fundo o chiqueiro, em alguns lotes adiante o mangueiro ou curral e a roça. Sempre nos acompanhando o cão, que possui

tarefa: aparta bezerros, bom de farejo, avisa o dono de algum perigo, animais nocivos e companheiro na roça, independente de lote, da comunidade, esse é o papel do cão.

Foto 17: Colheita do excedente para a venda.



Trabalho de campo (2015)

Quando a estrada está boa é possível ir até o lote para a compra, “quando a natureza colabora” com a chuva a mesa é farta, chegamos a ver produtos como a melância, a abóbora, o maxixe, o quiabo a este preço mostrada na foto 18, para não haver desperdício, perda do produto, “perda do tempo e trabalho”.

Foto 16: Venda do excedente, a beira da Estrada do Jacadigo, Assentamento Tamarineiro I



Trabalho de campo (2014)

O tempo é totalmente diferenciado, aproveita-se bem o período da manhã, pois o sol da tarde é desgastante, escaldante “é de rachar a cuca”, cozinha a semente, por isso a espera(nça) da chuva para plantar, molhar a terra, quando ela não vem, planta-se e novamente a espera(nça) da chuva para a semente germinar, quando isso não acontece, o sol cozinha a semente ou o cupim come a semente o jeito é começar novamente o ciclo, é isso que eles fazem, estes sujeitos da terra não desistem, resistem e novamente vamos iniciar um novo ciclo: preparar a terra, plantar e esperar a chuva, quando ela vem, a semente germina, após uma semana é possível visualizar as falhas, quando há falhas, há o replantar onde a semente não germinou, após esse período é olhar pro céu (atitudes de conhecimento) e contar com a sorte de que não caia muita chuva para não encharcar o solo e acabar matando a plantação.

Em épocas de chuva, fica-se ilhado, não tem como as crianças irem para a escola, não há como lidar na roça, o jeito é esperar, cuidar dos animais e dificilmente vão à cidade, porque as estradas estão alagadas impossibilitando o tráfego do ônibus (02 vezes ao dia). O que desperta a atenção é que em alguns lotes podemos ver gado

retratados na foto 19, quantidade bem pequena, mas importante para a subsistência, ou seja, junto com os pequenos animais no terreiro encontramos gado.

Foto 19: Gado em pequenas proporções, em lote no Assentamento Tamarineiro I.



Trabalho de campo (2015)

Lembro-me de ter lido no Plano de Recuperação do Assentamento (PRA 2008) que “o assentamento Tamarineiro I foi o primeiro assentamento e o mais pobre me pergunto: pobre? na visão de quem? Pobre para quem não o conhece, de quem não o vive e o sente, no tempo que lá passei, percebi que eles não plantam para grandes indústrias, mercados, para exportação, eles plantam para subsistência e tiram da terra o provento para a vida, para a sobrevivência. Inúmeros são os problemas enfrentados, mas a esperança consiste em não desistir, sempre lutar e insistir.

3.1 – Fronteira porosa, cultura imaterial simbólica na fronteira.

Santa...
Era avó...
Agora mãe.
Que com dedos e
papel
faziam flores.
à santa.
Moura, 2015

A visão tradicional das fronteiras que separa, divide e até mesmos em seus aspectos físicos e políticos não são mais barreiras intransponíveis, não podem barrar ideias, mas isso não quer dizer que elas fluem com facilidade. A mobilidade do homem permite estar aqui e acolá se adaptando a novas situações de acordo com suas vontades e necessidades. Conserva sua cultura sua língua, mas entram em contato com novos costumes e valores, em contra- partida a influência é recíproca, inter-relacionam-se no espaço e tempo.

A fronteira não é regida somente de tensões e conflitos, mas também de relações de troca, contato, encontro e reencontro. A cultura em lados opostos da fronteira é vista com frequência muito similar, diferenciando-se em contrapartida quando se vai distanciando.

As fronteiras são sempre complexas, simbólicas, polissêmicas e híbridas. Como nos apresenta Raffestin (2004, p.10), afirma que a noção de fronteira é ao mesmo tempo material e moral como mostra a foto 20. Num sentido mais amplo da palavra fronteira, ela não é somente um fato geográfico delimitado por linha imaginária, mas também é um fato social de uma riqueza considerável pelas conotações religiosas nele implícitas. Nesse contexto, as fronteiras nascem das diferenças impostas pelos costumes, valores morais e sociais de uma sociedade. Assim ela é entendida como um processo que desemboca em processo cuja sequência pode ser resumida em quatro momentos: diferenciação, tradução, relação e regulação.

Foto 17: Tabela de preços em reais e bolivianos. Fixada em barracas durante as festividades na comunidade El Carmen de la Frontera.

SAMBA	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
COLACIAL	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
COLÔNIA	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
BRANHA	- R\$ 3,00	- B\$ 9,00
REFRIG. LATA	- R\$ 2,50	- B\$ 6,50
REFRIG. LITRO	- R\$ 3,50	- B\$ 10,00
AGUA MINERAL	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
VINHO LITRO	- R\$ 15,00	- B\$ 45,00
CONHAQUE LITRO	- R\$ 14,00	- B\$ 42,00
BATIDA LITRO	- R\$ 14,00	- B\$ 42,00
VÔ KIKO	- R\$ 3,00	- B\$ 9,00
CIGARRO DUSTIN	- R\$ 1,50	- B\$ 4,50
CIGARRO	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
ISQUEIRO	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
DOSE CONHAQUE	- R\$ 1,00	- B\$ 3,00
DOSE BATIDA	- R\$ 1,00	- B\$ 3,00
BALAS	- R\$ 0,20	- B\$ 0,50
HALLS	- R\$ 1,50	- B\$ 4,50
FREEGEL	- R\$ 1,00	- B\$ 3,00
BISCOITOS	- R\$ 2,00	- B\$ 6,00
JUMBITO	- R\$ 1,50	- B\$ 4,50

Trabalho de campo (2013)

Cada fronteira apresenta a sua particularidade, sua singularidade dentro da pluralidade e complexidade existente ali. Ser da fronteira implica na relação de pertencimento e identificação com o lugar (NOGUEIRA, 2007). Assim, o morador da

fronteira não percebe apenas a fronteira, mas a vive, identifica-se com essa cultura plural, por meio da convivência. Oliveira tece comentário sobre essa pluralidade fronteiriça (2005, p. 380):

Esta pluralidade de ambiente determina por conceber comportamento similar para a população; os fronteiriços se parecem e criam as condições necessárias para a produção e reprodução de uma localidade específica (...) este ambiente plural transforma as fronteiras em territórios singulares. São singulares. São singulares em relação ao território- nação e singulares entre si – cada fronteira.

Segundo Nogueira (2007), a perspectiva da fronteira vivida remete a relação entre o ser e o lugar exemplo na foto 21, ou seja, a questão da identidade do morador da fronteira com o lugar, a ligação e o apego a identidade territorial que é construída vivendo a cada dia a realidade do local. A identidade de um povo nasce do processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (COSTA, 2009).

Foto 21: Moradores da Comunidade Tamarineiro I, descendentes de bolivianos.



Trabalho de campo (2014)

A identidade é construída de forma contínua, coletiva e historicamente. Dessa maneira existe uma junção da processualidade histórica e relacional na explicação da identidade (SAQUET, 2007). Há uma relação entre contexto de fronteira, cultura e

identidade. Todos esses temas estão interligados. Com o processo identificado como de globalização, o autor Peñalongo, identifica que novos contextos culturais estão sendo criados ou reconhecidos, entre eles destaca a chamada cultura de fronteira.

(...) que em este momento los contextos culturales existen em um contexto mayor que reconocemos como el “nueva ordem mundial”, com sus diferentes expresiones globalizantes, que está creando nuevos contextos que algunos han llamado “culturas de Frontera” Peñalongo (2001, p.149)

Assim, a fronteira pode constituir uma cultura e identifico também a possibilidade de constituição de uma identidade territorial de fronteira de duas formas: uma contrapondo às regiões centrais; outra, interagindo com o outro lado fronteiriço (NOGUEIRA, 2007).

Desta maneira procurando identificar esta questão no real, relato experiências percebidas nas comunidades, onde as comunidades, de modo geral, demonstram integração nas comemorações religiosas. A festa constituía-se de alguns elementos significativos que além de seus ritos simbólicos, mais diretamente ligados a religiosidade como a novena, as rezas, a missa campal registrada na foto 22 havia também o bailão que embora mais associado a parte profana da festa mostrada na foto 23, só pode ser devidamente interpretada se analisada de forma integrada.

Foto 22: Missa campal em espanhol envolvendo brasileiros, bolivianos, representantes das forças armadas. Na festa de Nossa Senhora do Carmo na Comunidade El Carmo de La Frontera em 16/07/2014



Trabalho de campo (2014)

Ruben George Oliven (2006) cita: As manifestações culturais, que antes eram vistas como claramente delimitadas, agora seguem em parte a lógica da globalização e não respeitam mais as antigas fronteiras nacionais ou regionais. Tornando a cultura cada vez mais híbrida.

Além disso a alimentação distribuída de graça tem uma importância simbólica significativa, quer em relação aos ritos religiosos como a comunhão dos católicos como também na relação aquela sociedade com sua hierarquia e respectivas diferenças sociais. Há portanto momentos de sociabilidade importantes já na preparação das atividades. Na festa, a alimentação distribuída a todos ganha a dimensão de partilha mostrada na foto 24.

Foto 18: Bailão na festa de Nossa Senhora do Carmo (Bolívia).



Trabalho de campo (2014)

Constituía-se no local significativo da festa, pois transformava-se em centro de uma sociabilidade mais ampla. Momento em que os participantes reafirmavam seus laços de parentesco, amizade e vizinhança num ambiente fronteiriço além de criar oportunidades para novos contatos sociais ampliar o grupo de pessoas.

Foto 19: Almoço na festa de Nossa Senhora do Carmo (Bolívia).



Trabalho de campo (2014)

Reconstrução de expressões culturais e na ressignificação da experiência dos sujeitos sociais. Almeida (2011) diz “(...) Apesar das festas em suas práticas serem efêmeros, elas marcam significativamente seus territórios como denota na foto 26. Constrói um território singular, efêmero, mas intenso na sua existência”.

Assim concordamos com Almeida (2011) nos remete a pensar que: A festa, para todos, é entendida como um código sociocultural e simbólico, impresso e produzido no espaço geográfico. Cita também : A festa comunitária possui, de fato, a capacidade de produzir símbolos territoriais nos quais o uso social se prolonga além de seu acontecimento. Esse simbolismo festivo identifica e qualifica os lugares, os sítios, as paisagens.

O território resulta de uma apropriação econômica, ideológica e sociológica do espaço por grupos que nele imprimem sua cultura e sua história. O território é esse espaço social e vivido.

Para reforçar essa significação, Almeida cita Di Méo (2001).

(...) a esse entendimento agrega quatro significações suplementares: primeira, o território é um conceito construído com base em dados geográficos e na inserção de cada sujeito em um grupo ou mesmo em

vários grupos de referência. Essa relação social e espacial define o sentimento de pertencimento e de identidade coletiva. A experiência concreta do espaço social condiciona também a relação com os outros, a nossa alteridade. Segunda, o território traduz um modo de delimitação e de controle do espaço garantindo a especificidade, a permanência e a reprodução dos grupos humanos que o ocupam. É sua dimensão política. Construído pelas sociedades que sucessivamente nele investiram, o território constitui um marcável campo simbólico, a qual integra a terceira significação. Alguns de seus elementos, instaurados em valores patrimoniais, contribuem para fundar ou reforçar o sentimento de identidade coletiva dos homens ali territorializados. A quarta significação é a importância do tempo longo da história, necessário para que ocorra a construção simbólica dos territórios.

No caso das festas, elas delimitam um espaço social, realizam-se na existência de uma identidade territorial construída na singularidade dos grupos sociais que territorializam, mediante uso, os lugares.

Almeida (2011) diz “A festa é uma maneira de construir relações com as sociedades e com os territórios vizinhos, visto que ela mostra suas singularidades em uma relação de alteridade. Nesse processo de identificação social pela diferença com os demais, a festa configura-se como espaço e como lugar. É um lugar tornado visível”.

Foto 20: Festa de Nossa Senhora do Carmo (Bolívia).



Trabalho de campo (2014)

Almeida (2011) enfatiza:

“As festas rurais, pelos seus aspectos interativos e populares é sempre um importante instrumento de consolidação das identidades coletivas. Realizando a festa, considerada tradicional, os antigos procuram manter a tradição e, para os jovens, é uma excelente ocasião de fazer novos conhecimentos e efetuarem a integração às tradições religiosas”.

Foto 21: Procissão envolvendo brasileiros e bolivianos.



Trabalho de campo (2014)

A festa de Nossa Senhora do Carmo inicia-se, geralmente, um ano antes, com a indicação dos festeiros, dentre os sujeitos há sempre membros da família do Senhor Joao da Cruz (um dos mentores da festa), para organizarem as atividades festivas, arrecadações, doações para a festa. Sob o comando deles, todos participam e colaboram ativamente para o sucesso da celebração festiva.

Após um ano de intenso trabalho com a colaboração da comunidade chega à semana dos últimos preparativos, tudo está organizado. Um dia anterior à festa chega a casa da família da D. Assunta (viúva do João da Cruz), 02 novilhas para ser desossadas e partilhadas em grandes espetos, os homens se encarregam disto enquanto as mulheres descascam mandioca cortam temperos, decoram a igreja ilustrada nas fotos 27, 28 e 29,

preparam o balcão, arrumam a casa para acolher os amigos que chegam, participo do movimento como amiga da família (a família me adotou no ano de 2013) e ao mesmo tempo observo ativamente todos os detalhes o qual possa ajudar em minha pesquisa, os festejos a noite iniciam-se com o bailão com artistas (músicos) da cidade de Corumbá, tendo a fala de abertura da Prefeita, o Comandante do Exército, e do Coordenador(es) geral da festa, após faz-se a invocação da oração prosseguindo o bailão, participam sujeitos de todas as comunidades rurais ao redor: Assentamentos: Tamarineiro I, Tamarineiro I sul, Taquaral, Paiolzinho e ainda pessoas oriundas da zona urbana.

Foto 22: Oferecimento do almoço à Nossa Senhora do Carmo.



Trabalho de campo (2014)

Foto 23: Divisão de Tarefas: preparação do alimento.



Trabalho de campo (2014)

Foto 24: Divisão de Tarefas: ornamentação da igreja.



Trabalho de campo (2014)

Com show de fogos inicia-se o grande dia, o dia da festa, festa de Nossa Senhora do Carmo. Na parte da manhã acontece a procissão religiosa, participam brasileiros e bolivianos em uma unidade chamada fé, ao meio dia o almoço, onde famílias da comunidade ofertam a melhor parte do churrasco para os visitantes e amigos, escoltados pelo exercito boliviano, muitos sujeitos vêm participar da festa, sempre é destinado um ônibus saindo da cidade de Corumbá para a festa na comunidade, outros são fretados por amigos e parentes da Bolívia e do Brasil, no ultimo ano (2014) pude verificar em alguns terrenos barracas estendidas durante o evento. Após o almoço na casa da nossa anfitriã e amiga é servido um sarrabulho no café da manhã e no almoço as autoridades da igreja: padre brasileiro, padre boliviano mostrada na foto 30 e exército para o almoço. Ao termino do almoço fica a limpeza e organização a todos os participantes. No dia posterior faz-se um almoço na casa de nossa anfitriã para agradecimentos e avaliação. Neste ano de 2014, após ouvirmos todos, as expectativas, receios, atuações positivas e negativas, fui convida a proferir minha avaliação, haja vista que sou de fora da comunidade, a princípio existiu receio e resistência. O que dizer àquela comunidade que me acolheu (com alguns empecilhos), para que pudesse ter dados (cerne) para a pesquisa, a família que me adotou como amiga e filha, a minha família que espera o contra ponto das ausências durante dois anos. “Iniciei a fala com agradecimentos, avaliação do evento e finalizei incentivando a prosseguirem na caminhada, fácil não é, mas é preciso manter a tradição, as raízes e as memórias”.

Foto 25: Benção e agradecimento do alimento por padre da Bolívia e do Brasil.



Trabalho de campo (2014)

Durante os dias que fiquei na comunidade, os fatos observados apresentaram-me uma realidade diferenciada da qual vivo, tirando-me da zona de conforto e transportando para uma realidade de ação e realização, a divisão de tarefas, envolvimento das comunidades, (re)criação de espaços, a religiosidade, deslimite da fronteira, identificar-se com o lugar, já que muitos foram morar na cidade de Corumbá, e retornam ao lugar de origem, nestes dias de festa.

Cria-se um novo espaço nos espaços, estes simbólicos espaços, estes que se concretizam de acordo com a necessidade: ora profano, onde acontece o bailão foto 23, ora sacro, onde realiza a missa foto 22, no mesmo espaço em diferentes tempos e no dia a dia é somente um balcão como mostra a foto 31.

Foto 26: Espaços simbólicos.



Trabalho de campo (2014)

A organização é feita através de divisão de tarefas, diariamente você responde de acordo com a sua ocupação na sociedade: prefeita, professor, presidente de assentamento, militar, assentado... mas quando colabora com a festa você é um membro colaborador não importa o que você é, trabalha igual a todos.

Os marcos existem para lembrarmos do limite territorial, regulamentação do Estado, este existe separando uma comunidade da outra, mas simbolicamente a festa intensifica os laços, transpõe o limite de língua, de nacionalidade, de conflitos e consolida as antigas territorializações existentes nas memórias dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vez de apresentar uma conclusão, optamos por tecer algumas considerações para pensar e refletir sobre o tema proposto.

Este trabalho procurou abordar os aspectos de produção da fronteira a partir das comunidades rurais estudadas, sua gênese, sua relação, contato, encontro, desencontros, sua complexidade enquanto a geografia foi relatada, sentida, vista sob a ótica de pesquisa de campo.

Com relação à fronteira, ela não é rígida, fechada, são dinâmicas, de contato, temos ainda os conflitos, as desconfianças, ainda que pouco aparente.

A pesquisa permitiu aproximações sobre a noção de fronteira, suas peculiaridades aguçando timidamente com o tema limite que proporcionou reflexões sobre a produção daquele espaço fronteiro em estudo.

Consideramos importante ressaltar que as comunidades rurais possuem seu dinamismo e incorporado há seus conflitos, suas necessidades, afinidades, diversidades, inquietações sendo espaço de luta, resistência, valor simbólico e cultural.

Uma das proposições desta pesquisa foi mostrar como é produzida, sentida, vista a fronteira pelas comunidades suas interações seus conflitos, vivenciar seu cotidiano, sua religiosidade, sua cultura, sua língua.

A transição no universo cultural e social entre brasileiros e bolivianos transcende o espaço geográfico, constituindo-se em relações materiais e em vias de representação social.

Fechar esse trabalho nos remete à ideia de pôr um limite, delimitar o que foi dito, os diálogos que foram apresentados. Delimitar/traçar limites, por sua vez, nos remete à noção de fronteira, e essa, como procuramos expor, leva-nos a considerar “tudo aquilo que se põe na frente”, o que se apresenta como “outro” diante da significação produzida ao longo de nosso desenvolvimento pessoal, social, cultural, político, etc. Nesse sentido, se aplica muito bem a assertiva de Martins (1997), de que é “no fim que está propriamente o começo”.

O “fim” desse trabalho representa o começo de novas discussões, fomentar diálogos, contribui, desse modo, para repensarmos a temática das relações sociais que se dão/se fazem no espaço, dando, assim, continuidade/“novo começo” à temática da fronteira.

Não é de hoje que a visão tradicional das fronteiras vem sendo repensada, pelo contrário, como procuramos apontar, vários autores vêm ultrapassando aquela ideia de fronteira estática que separa, divide e até mesmos em seus aspectos físicos e políticos, se põe para limitar territórios e relação sociais. Tal noção se abre diante da complexidade do movimento que se dá no/sobre o espaço. A mobilidade do homem permite estar “aqui” e “acolá”⁸, se adaptando a novas situações de acordo com suas vontades e necessidades.

Assim, acrescentemos a estas notas, o papel que as comemorações religiosas cumprem na elaboração das relações fronteiriças. As comunidades, de modo geral, demonstram integração nessas festividades que se constituem de alguns elementos significativos, que além de seus ritos simbólicos (mais diretamente ligados à religiosidade como a novena, as rezas), apresenta também o bailão, esse mais associado a parte “profana” da festa. A interpretação da socioespacialidade estabelecida nessas comemorações só pode ser devidamente entendida se analisada de forma integrada.

Ressalte-se a territorialidade elaborada na temporalidade das comemorações religiosas, que levam à utilização dos espaços materiais da Comunidade El Carmen de la Frontera, resignificando-os para a comemoração das festividades. Nesse momento de uma “sociabilidade mais ampla”, os participantes (bolivianos e brasileiros, vindos também da cidade) reafirmavam seus laços de parentesco, amizade e vizinhança, num ambiente fronteiriço, além de criar oportunidades para novos contatos sociais, ampliar o grupo de pessoas de seu campo social.

As festas religiosas rurais, pelos seus aspectos interativos e populares são sempre um importante instrumento de consolidação das identidades coletivas. Realizando a festa, considerada tradicional, os antigos procuram manter a tradição e para os jovens é uma excelente ocasião de novos conhecimentos e efetuarem a integração às tradições religiosas.

As festas, enfim, delimitam um espaço social, realizando-se na existência de uma identidade territorial construída na singularidade dos grupos sociais que territorializam, mediante uso, os lugares.

Cria-se “um novo espaço nos espaços”, estes simbólicos espaços, estes que se concretizam de acordo com a necessidade.

⁸ Resignificando/redefinindo esse “aqui” e “acolá”, esse ou aquele território.

Por “fim”, apontemos que os marcos existem para lembrarmo-nos do limite territorial, regulamentação do Estado, separando uma comunidade da outra, mas o social nega essa separação, expressando-se simbolicamente por meio da festa que intensifica os laços, transpõe o limite de língua, de nacionalidade, de conflitos e consolida as antigas territorialidades existentes nas memórias dos sujeitos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AGRAER. Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural. *Plano de Recuperação do Assentamento*, PRA. Corumbá, MS, 2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Sentidos das Festas no Território Patrimonial e Turístico. In: COSTA, Everaldo Batista; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, maria do Carmo (Org.). *Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*. São Paulo: Outras expressões, 2012.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. *Biblio 3w* (Barcelona), v. XV, p. 919, 2011.

BOLIVIA. Constituição. *Nueva constitución política del estado*: promulgada em outubro de 2008. Disponível em: <<http://abi.bo/>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1998.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 10º ed. rev. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003.

CARVALHO, Vanilde Alves de; GUIMARÃES, Reinaldo Vaz; BEZERRA, Fabiana de Souza. A dinâmica entre as fronteiras: Brasil Bolívia: a relação entre as regiões Pantaneiras e Chiquitanas. XI Encuentro de geógrafos de América Latina. *Anais*. Bogotá, p.26-30, mar, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GASTAL, Suzana. Turismo e fronteira: tencionando conceitos. In: *IV Seminário de Pesquisa em Turismo e III Seminário de Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Caxias do Sul, 2006.

COSTA, Edgar Aparecido. Ordenamento territorial em Áreas de fronteira. In: COSTA, Edgar Aparecido; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado (orgs.). *Seminário de Estudos Fronteiriços*. Campo Grande: UFMS, 2009.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Relatos orais: a participação dos sujeitos na pesquisa histórico-sociológica. São Paulo, *Cadernos CERU*, nº 5, série 2, p.61-68,1994.

FARIAS, Marisa de Fatima Lomba de. *Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra*. Araraquara, tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 2002.

GRIMSON, A. Pensar Fronteras desde las Fronteras. *Nueva Sociedad*. n.170, nov/dez. 2000 p.70-86.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002

LEFEBVRE, Henri. *El derecho a la ciudad: espacio e politica*. Barcelona: Ed. Península, 1976.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras e redes. Disponível em:<<http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/pdf/limitesPAlegre1998.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

MARTINS, José de Souza. *A Fronteira. A Degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). Secretaria de Agricultura Familiar. Disponível em < <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-ali/sobre-o-programa>>. Acesso em 23 de março de 2015, às 22:50h.

MOREIRA, Erika Vanessa. O lugar e o rural: os bairros rurais no município de presidente prudente. *Revista Formação*, nº 14 volume 1 p. 186-191. 2007.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: Espaço de Referência Identitária? *Revista Ateliê Geográfico*, v.1, n.2, dez-2007, p. 27-41. Goiânia: UFG, 2007.

OLIVEIRA, Gilvan Muller. *Política linguística na e para além da educação formal*. Estudos linguísticos. XXXIV, p.87-94, 2005.

OLIVEN, Ruben George. *A Parte e o Todo: A Diversidade Cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Editora Vozes. 2006.

PEÑALONZO, Jacinto Ordóñez. La Escuela, diferentes contextos culturales y culturas de Frontera. *Revista Brasileira de Educação*. mai-ago/2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, nº 3, p.3-15,1989.

QUEIROZ, M. I. P. *Bairros Rurais Paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1973.

RAFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os problemas da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. *Territórios sem limites*. Campo Grande: UFMS, 2005.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p.5 –96 139–177.

SCHÜLER, Fernando; BARCELLOS, Marília de Araújo (orgs.). *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2006. 256 p.

SOARES, Teixeira. *História da Formação das Fronteiras do Brasil*. Biblioteca do Exército. Editora – Publicação 434 – Coleção General Benício volume 111, 1973.

STEIMAN, Rebeca. *A geografia das cidades de fronteira: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. *Limites e fronteiras internacionais – Uma discussão histórico-geográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ENTREVISTA REPRESENTANTE ASSOCIAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Representatividade: _____

1º) Relate sua trajetória (a luta pela terra a entrega do título definitivo).

2º) Como é a luta pela permanência na terra?

3º) Quais as dificuldades encontradas no Assentamento Tamarineiro I?

4º) Através da Associação é possível trazer benefícios, créditos, benfeitorias?

5º) Como você identifica o Assentamento Tamarineiro I? (sua gente, luta, resistência)

6º) Quais conquistas alcançadas pela Associação?

7º) Por estar em área de fronteira. O que é fronteira? Para que serve? Como se dá? Como você a vê?

8º) Existe integração entre as duas comunidades? Quando e como?

9º) Quais as formas de superação dos limites entre as duas comunidades?



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ENTREVISTA ASSENTADO

Nome: _____

Lote nº _____ Possui título definitivo: () sim () não

Quanto tempo mora no assentamento: _____

O lote foi: () comprado () herança () assentado da Reforma Agrária

A casa é feita de: () alvenaria () madeira () pau a pique () outros

Quantos cômodos? _____

Recebe benefícios: () aposentadoria () vale renda () pensão () não

Possui renda mensal: () salário _____ () produtos do lote _____

Tem filhos: () sim () não

Nº de filhos	Idade	Série	Escola

O trabalho realizado no lote é feito pela: () família () empregados

Possui maquinários: () não () sim. Quais: _____

Principais produtos agrícolas: _____

Possui rebanhos: () bovinos () equinos () suínos () ovinos () aves

Principais produtos da pecuária: _____

Possui em escala para venda: () pomar () horta

Como é feito o escoamento da produção: _____

Onde é comercializado: _____

Seu lote possui: () rede elétrica () água () poço artesiano () cisterna

O que é feito com os resíduos sólidos? _____

No Assentamento possui: () posto de saúde () segurança () lazer

() assistência técnica () crédito () escola () transporte público

() capacitação

Em sua opinião: O que é fronteira? Relate sua trajetória. (cidade de origem foi acampado, onde, quando, quanto tempo?)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ENTREVISTA REPRESENTANTE COMUNIDADE “EL CARMEN DE LA
FRONTERA”

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Representatividade: _____

- 1º) Relate sua trajetória (ano, porque estar em área de fronteira).
- 2º) Descreva a comunidade El Carmen de La Frontera (localização, administração, pertence a área urbana ou rural).
- 3º) Quais dificuldades encontradas na comunidade?
- 4º) Quais são os benefícios de se morar na Comunidade?
- 5º) A comunidade foi planejada? (igreja, escola, força nacional (exercito), posto de saúde, água, energia elétrica, transporte?).
- 6º) Qual a função do exercito na área de fronteira?
- 7º) Por estar em área de fronteira. O que é fronteira? Para que serve? Como se dá? Como você a vê?
- 8º) Existe integração entre as duas comunidades? Quando e como?
- 9º) Quais as formas de superação dos limites entre as duas comunidades?



UFGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA CANDIDATA JOSIANE APARECIDA DA SILVA XAVIER DE MOURA, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "PRODUÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL E FRONTEIRA".

Ao décimo primeiro dia do mês de maio de dois mil e quinze, às quatorze horas, em sessão pública, realizou-se, na sala de aula da FCH, Unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "A PRODUÇÃO DA FRONTEIRA: A Geografia das Comunidades Rurais de Tamarineiro I (Corumbá - Brasil) e El Carmen de La Frontera (Puerto Quijarro - Bolívia)", apresentada pela mestrandia JOSIANE APARECIDA DA SILVA XAVIER DE MOURA, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, à Banca Examinadora constituída pelos membros Dr. Edvaldo Cesar Moretti/UFGD (presidente/orientador), Dr^a Maria Geralda de Almeida/UFG (membro titular), Dr. Jones Dari Göettert/UFGD (membro titular). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer a candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições, que foram intercaladas pela defesa da candidata. Terminadas as arguições, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada aprovada, fazendo *jus* ao título de MESTRE EM GEOGRAFIA. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Dourados, 11 de maio de 2015.

Dr. Edvaldo Cesar Moretti _____

Dr^a Maria Geralda de Almeida _____

Dr. Jones Dari Göettert _____

Esta ata, para produzir os efeitos que lhes são próprios, necessita ser homologada pelo Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UFGD.

ATA HOMOLOGADA EM: ___/___/___, PELA PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA / UFGD.

Prof. Cláudio Alves de Vasconcelos
Pró-Reitor de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
Matr. n. 0432923